

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

JOELMA BATISTA DO NASCIMENTO

REFLETINDO SOBRE A DOMESTICAÇÃO:

AFETOS E RELAÇÕES DE PODER ENTRE SUJEITOS HUMANOS E NÃO
HUMANOS NO INTERIOR DA PARAÍBA

JOÃO PESSOA / RIO TINTO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

JOELMA BATISTA DO NASCIMENTO

REFLETINDO SOBRE A DOMESTICAÇÃO:

AFETOS E RELAÇÕES DE PODER ENTRE SUJEITOS HUMANOS E NÃO
HUMANOS NO INTERIOR DA PARAÍBA

Dissertação submetida pela mestrandia Joelma Batista do Nascimento à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.
Orientador: Fabio Mura

JOÃO PESSOA / RIO TINTO

2016

N244r Nascimento, Joelma Batista do.
Refletindo sobre a domesticação: afetos e relações de poder entre sujeitos humanos e não humanos no interior da Paraíba / Joelma Batista do Nascimento.- João Pessoa; Rio Tinto, 2016.
105f. : il.
Orientador: Fabio Mura
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA/CCA
1. Antropologia. 2. Animais humanos e não humanos.
3. Domesticação. 4. Afetividade. 5. Relações de poder.

UFPB/BC

CDU: 39(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCA/E)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



JOELMA BATISTA DO NASCIMENTO

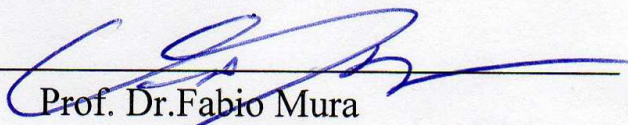
**REFLETINDO SOBRE A DOMESTICAÇÃO: AFETOS E RELAÇÕES DE
PODER ENTRE SUJEITOS HUMANOS E NÃO HUMANOS NO INTERIOR
DA PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

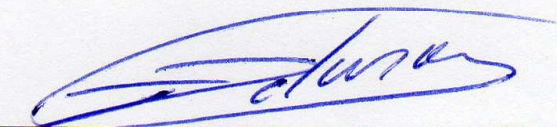
Resultado: APROVADA

Em: 26 de FEVEREIRO de 2016.

Banca examinadora



Prof. Dr. Fabio Mura
(orientador/ PPGA/UFPB)



Prof. Dr. Jeremy Paul Jean Loup Deturche
(Examinador Externo/UFSC)



Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury
(Examinador Interno/PPGA/UFPB)

Uma Galinha

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém. Ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro voo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde está hesitante e trêmula escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado em telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma das asas através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração tão pequeno num prato solejava e abaixava as penas enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de ser um ovo. Só a menina estava perto e assistiu tudo estarrecida. Mal, porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento despregou-se do chão e saiu aos gritos:

- Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou a cabeça de uma galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

- Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

- Eu também! Jurou a menina com ardor.

A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a de sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícius da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria, mas ficaria muito contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho — era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se os anos.

Clarice Lispector

AGRADECIMENTOS

Ao professor Fabio Mura devoto toda minha gratidão, pela confiança, sensibilidade e aprendizagem.

À Capes, pela bolsa concedida, essencial para minha dedicação exclusiva no mestrado.

À minha mãe Edileuza, por ensinar-me a ser forte e nunca desistir de meus sonhos.

Às minhas irmãs Elizangela, Eugenia e Eliane, por perdoarem minha ausência em tantos momentos.

Aos meus sobrinhos, Samuel, Cézar e Vitória, por serem minha fortaleza emocional

Aos professores Jeremy e Mauro, pelo incentivo a seguir e manter viva a paixão pela minha temática.

Ao professor Jean Segata, por acreditar em meu trabalho.

À Emannuella Santana Vieira, por ser meu refúgio e conselheira, obrigada por amenizar as situações mais turbulentas de minha vida.

À Edilma Monteiro, por sua amizade e força.

À Mocinha, por transformar os meus dias tristes em festividade e me ensinar que a vida se escreve vivendo.

À Marinalda Pereira, por estar presente no momento mais delicado desse trabalho.

À Giselda Bezerra, por sua amizade, carinho e colaboração.

À Alessandra da Silva, por ouvir-me e acalantar minhas angústias.

Ao colega e amigo Thiago Oliveira, sem suas contribuições minha dissertação não seria a mesma.

Aos meus colegas no mestrado, por todas as experiências compartilhadas.

Aos agricultores e agricultoras que conheci em Sapé, Remígio e Piancó, por me permitirem acompanhar o cotidiano de suas famílias, a eles e elas que me ensinaram a ir além do esboço analítico, ensinando-me a observar a vida através de novos ângulos.

Aos animais não humanos, por despertarem em meu ser as questões mais intrigantes, em especial, Naruto e Gaara.

RESUMO

Focando processos domesticatórios, o presente trabalho busca compreender como se constroem os modos de relação e interação entre animais humanos e não humanos, nos espaços rurais no interior da Paraíba. A pesquisa revelou que tais relações e interações são definidas por configurações baseadas em princípios hierárquicos, onde as dimensões técnica e emocional-afetiva desempenham um papel fundamental. Por sua vez, nestas configurações, são as interações individualizantes (centradas nas relações concretas entre espécimes e não entre espécies genéricas) que permitem a formação de uma escala valorativa na regulação das relações. Isto favorece posicionamentos de proximidade física e emocional durante o manejo, além de estratégias de distanciamento (sempre físico e emocional) para a comercialização e o abate. Dessa forma, afeto e técnicas de uso e de alienação não se colocam como elementos contraditórios entre si, mas como componentes complementares.

Palavras-chave: Domesticação; Animais humanos e não humanos; Afetividade; Relações de poder.

ABSTRACT

Focusing on domesticatory processes, the dissertation seeks to understand how to 1 modes of relationship and interaction between human and nonhuman animals in rural areas in the interior of Paraíba, Brazil. The research revealed that these relationships and interactions are defined by configurations based on hierarchical principles where the technical and emotional-affective dimensions play a key role. In these configurations individualizing interactions (centered on concrete specimens relations, and not species generic) allow the formation of an evaluative scale regulating the relationship. It favors positions of physical and emotional closeness during handling, as well as distancing strategies (always physical and emotional) for commercialization and slaughter. Thus, affect and use techniques and alienation are not posed as contradictory elements among themselves, but as complementary components.

Keywords: Domestication; Humans and nonhumans animals, Affectivity, Power relations.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO I	16
ENTRE ANIMAIS HUMANOS E NÃO-HUMANOS	16
1.1 Entre afetos humanos e não humanos: minha inserção em campo.....	16
1.2 Caracterização dos locais de pesquisa	23
1.3 Criação: uma relação individualizante entre sujeitos humanos e não humanos.....	34
1.3.1 O humano se constrói em interação com os seres não humanos numa configuração.....	40
CAPÍTULO II	49
TÉCNICAS, PESSOALIDADES E SENTIMENTOS: FATORES ESTRUTURANTES NA RELAÇÃO HUMANOS E NÃO HUMANOS	49
2.1 - Sistema domésticatorio no interior da paraíba?	50
2.2 Integração do campo emocional as técnicas	53
2.3 O aspecto emocional está atrelado as experiência de vida individuais e a posição dos sujeitos na unidade doméstica	58
2.4 - Afeto, moralidade, comercialização e abate.....	65
CAPÍTULO III	76
DOMESTICAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E ANIMAIS NÃO HUMANOS EM MOVIMENTO	76

3.1 Sistema domesticatório ocidental e o contexto francês: modelo hierárquico e estatutos diferenciados dos animais	76
3.2. Modelo classificatório	78
3.2.1 Animais doméstico ou de estimação.....	79
3.2.2 Animais de criação	83
3.2.3 Entre a estimação e a criação	89
3.2.4. Atribuições de sentimentos, consciência, intelecto, intencionalidade.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

APRESENTAÇÃO

Meu interesse pela temática relativa às relações entre animais humanos e não humanos originou-se quando mantive contato com algumas pessoas vegetarianas. Nosso encontro foi motivado para elaboração de um trabalho durante a graduação sobre a ética vegana. Nessa ocasião conheci Paula, uma jovem mineira, neta de camponeses e moradora de uma cidade de porte médio como João Pessoa, cujas observações me marcaram profundamente. Ao explicar-me sobre a sua opção e estilo de vida, disse - *“eu sou contra o consumo da carne industrial, mas os pequenos fazendeiros é diferente, eles têm uma relação com o animal, quando vão abater é todo um ritual”*. Paula atribuía valor negativo não ao ato de matar um animal não humano, mas à inexistência de um relacionamento de convivência para com ele. Em sua opinião, essa seria a condição das pessoas da área urbana, pois não mantinham contato com os animais que consumiam, apenas com o produto final: *“um pedaço de carne já fragmentado”*. Por esta razão, ela havia decidido não mais fazer uso de produtos de origem animal.

Paula me deixou muito curiosa: *o que seria essa relação? Quais elementos a consolidariam?* Mesmo convivido toda minha infância entre urbano e o rural, anteriormente não me questionara sobre tais pontos. As indicações da jovem, me levaram a perceber, aos poucos, que estava diante de um contexto que estabelecia posicionamentos de dominação de diversos modos, inclusive emocional. Compreendi a necessidade de investir analiticamente neste conteúdo, ainda que houvesse um grande desafio: *como descrever uma relação ao mesmo tempo de dominação e afetiva? De que modo a dinâmica do afeto entre sujeitos humanos e não humanos poderia indicar aspectos de distribuição e exercício do poder?* Meu entendimento sobre a questão parecia irreconciliável. Como vincular aspectos que no senso comum são posicionados como opostos? Como interpretar as explicações que os interlocutores produziam a respeito do modo como se relacionavam com os animais não-humanos?

As questões persistiram até o instante que indaguei se a concepção de afeto, acionando por mim para entender e produzir as reflexões era equivalente àquela manifestada pelos agricultores e pelas agricultoras no interior da Paraíba, as pessoas com as quais eu desenvolvi a pesquisa aqui apresentada. Mesmo sem saber se sim ou não, precisei captar como ela se edificava e a chave para isso estava no campo relacional e interacional, como apontou Paula.

Fui percebendo que as relações de afeto eram diversificadas em grau e intensidade, conforme o modo de interagir com cada animal não humano. Isto, por sua vez, não ocorria a partir das classificações de espécies, mas pelas características particulares e diferenciadoras que cada membro destas espécies expressava. Coincidentemente, aqueles com quem se tinha um maior vínculo eram avaliados também como os de melhor desempenho produtivo, os mais bonitos, de melhor valor comercial. Essas não eram características imanentes aos seres, mas identificadas na forma como cada uma das partes se relacionavam cotidianamente, fosse através do trabalho ou dos momentos de descanso e lazer. A relação entre os criadores e esses animais não humanos era caracterizada por um arranjo complexo de companheirismo, utilidade, gratidão e colaboração entendidas a partir da forma como eles se relacionavam com os momentos de divertimento e atividades produtivas, o que implicava diretamente no sustento de sua família humana. A capacidade de amar e desenvolver amizade com aqueles que os manjava era muito apreciado e despertava sentimentos de pena e tristeza quando se falava em comercializá-los, do abate ou morte.

Assim, o rebanho não era tratado a partir de sua coletividade, mas pelas particularidades de cada animal não humano, o que, reciprocamente, implicava num comportamento desses animais não humanos também diversificados, conforme o sujeito humano com o qual se estaria interagindo. A dimensão do afeto possibilitava uma maior interação com aqueles que se gostava mais, de ambos os lados. Desta forma o afeto é um elemento compartilhado, mas não construído ao acaso. Por isso, o campo relacional e interacional aliado às próprias experiências e pessoalidades dos agricultores e das agricultoras são cruciais para entendê-lo.

Gostaria de enfatizar que a criação era descrita pelas suas particularidades e com cada sujeito não humano se construía um tipo de relação específico. Portanto não estamos falando de “vacas”, “porcos”, “cabras”, “ovelhas” e “galinhas”, mas da vaca Boneca, da ovelha Pandora, da galinha Gisele. Nessa perspectiva, assim como Elias (2008) argumenta a partir dos modelos de jogos que as ações precisam ser analisadas dentro de seu contexto processual e relacional, eu sigo nesta mesma direção. Penso que não podemos compreender a interação entre agricultor e seu animal não humano caso não levemos em consideração essa dimensão “particularizante”.

A partir destas preocupações analíticas, a minha proposta é abordar o processo de domesticação por meio de uma perspectiva relacional constituída nas práticas experienciais e através das interações diárias entre pequenos agricultores e os animais não humanos com que lidam cotidianamente. Usar tais categorias analíticas “animais humanos” e “animais não humanos” é apenas uma categoria metodológica, mas não uma indicação de uma conceituação pré-definida dos sujeitos em interação. Outra questão chave em meu campo são as relações de poder, imersas nos utensílios técnicos usados pelos criadores, mas igualmente, nas hierarquias constituídas através do afeto, condicionando os posicionamentos e ações dos humanos e animais não humanos. Não se trata, no entanto, de uma relação causal, mas a coexistência no sistema domesticatório, de modo agregado, dos elementos técnicos, morais e afetivos. Assim, a presente dissertação é estruturada da maneira que segue.

No primeiro capítulo descrevo como foi minha inserção em campo e como o afeto foi fundamental para que ela ocorresse. Trago os espaços contemplados na pesquisa, as razões da seleção e suas principais características. Ao descrever as atividades de criação coloco em evidência que as relações entre animais humanos e não humanos ocorrem em interações específicas, manifestando diferenças de poder que levam à configuração de sentimentos de confiança e de tutela dentro de um quadro de dominação. Assim, os próprios agricultores se definem enquanto tais exercendo este poder tutelar perante os animais não humanos com os quais lidam quotidianamente, e simultaneamente, estes últimos adquirem suas características comportamentais neste processo de dominação.

No segundo capítulo continuo a colocar em evidência a dimensão afetiva ao expor como ela é vivenciada de maneira distinta por cada integrante de uma unidade doméstica, devido as suas experiências pessoais e a posição social que cada um ocupa. Os posicionamentos individuais e situacionais permitiriam na constituição de um mesmo grupo doméstico representações distintas em torno dos animais não humanos. O posicionamento de cada sujeito pode ser considerado como um domínio capaz de mobilizar o tratamento com os animais não humanos de um modo específico, definindo que tipo de comportamento se deve adotar com aqueles que são mais apreciados. Tais comportamentos não apenas condicionam as atividades domésticas, como também, contribuem para a formação de status de relacionamento entre todos os sujeitos (humanos e não humanos) envolvidos na vida doméstica. Outra característica seria a afetividade a partir de uma dimensão valorativa e moral, acionando em momentos distintos, posições de proximidade ou de distanciamento entre os criadores e cada sujeito de seu rebanho, principalmente no processo de comercialização e abate.

No terceiro capítulo apresento reflexões em torno de quais elementos definiriam o tratamento e as representações do estatuto dos animais não humanos para os agricultores e agricultores em tela. Traço um panorama etnográfico que situa posicionamentos de contiguidade ou afastamento (em termos técnicos e afetivos) entre sujeitos humanos e não humanos, mas não como caracterizando tipologias homogêneas e mutuamente excludentes de modos de relação. Ao contrário, o que a etnografia trouxe à tona foi que os comportamentos de distanciamento e aproximação são geralmente complementares, permitindo a construção de escalas hierárquicas tanto de valores, quanto de modalidades de interação que impulsionam um específico e complexo processo domesticatório.

CAPÍTULO I

ENTRE ANIMAIS HUMANOS E NÃO-HUMANOS

1.1 Entre afetos humanos e não humanos: minha inserção em campo

Com os humanos...

A história que justifica minha introdução e interesse na relação entre humanos e não humanos está vinculado à pesquisa etnográfica que desenvolvi como projeto de Iniciação Científica e que culminou com meu trabalho de Conclusão de Curso defendido junto ao departamento de Ciências Sociais da UFPB. Apesar de não ter uma relação objetiva e direta com o que apresento nesta dissertação, essa primeira pesquisa que discutia aspectos modalidades de solidariedade e economia a partir dos Fundos Rotativos Solidários¹, possibilitou minha inserção na área rural da cidade de Remígio (localizado no agreste paraibano), e permitiu-me perceber a riqueza etnográfica e potencial analítico apresentado nas relações entre humanos/humanos e humanos/não humanos impulsionadas através da domesticação. Ao pesquisar os fundos rotativos solidários, pude acompanhar a implantação de diversos projetos coletivos que tinham como propósito a produção de infraestrutura para atividades de criação de animais de pequeno porte. Foi nesse aspecto que comecei a atentar para as maneiras como os agricultores locais se relacionam e interagem com seus animais na região.

¹ Trata-se de uma Política Pública voltada para incentivo ao desenvolvimento rural. Elas podem ser financiadas por instituições públicas ou privadas, ONGs ou instituições internacionais, como é o caso em Remígio. Os projetos voltados para os fundos podem ser inúmeros e com finalidades distintas. Eu estudei os fundos de tela – disponibilidade de material para construir um galinheiro – e de ovelhas – as famílias cadastradas recebem uma ovelha ou cabra para iniciar ou aumentar seu rebanho. Esses dois projetos foram traçados pelo STR de Remígio a partir de uma oficina com agricultoras. Elas são seu público alvo. O objetivo é possibilitar um aumento e melhoramento na criação de galinhas e ovelhas, e com isso, gerar renda para as famílias.

Se, anteriormente, eu me questionava sobre as fronteiras entre humanidade e animalidade (NASCIMENTO, 2013), neste momento, minha grande inquietação concentrava-se em não construir um modelo classificatório para definir o “humano” e o “animal”, nem tão pouco, simplificá-lo por simetrias e reciprocidades. Percebi que para compreender as representações e relações estabelecidas devo “seguir os movimentos e fluxos” (INGOLD, 2011) considerando o campo relacional e cada configuração estabelecida (ELIAS, 2008; MURA, 2011).

Remígio continuou a ser meu campo de pesquisa. Mas, aos poucos, meu orientador e eu decidimos estender a outras localidades nas microrregiões da zona da mata, agreste e sertão. Sou sertaneja e natural da cidade de Piancó. Minha mãe residiu desde a infância até seu divórcio na área rural do município. Mudou-se, trabalhou como lavadeira, empregada doméstica, atualmente é aposentada e comerciante. Sua trajetória e a própria composição da população no município - pouco mais de dezesseis mil habitantes - contribuiu para que ela se tornasse alguém muito conhecida, “Edileuza da Verdura”. Sua relação pessoal com agricultores e marchantes² foi o elo fundamental para minha entrada em campo.

A amizade que cultivei com minha vizinha também foi significativa para minha aproximação com uma família que reside na Usina Santa Helena (pertencente ao município de Sapé). Inicialmente, frequentei este ambiente em datas comemorativas, especialmente em aniversários. Fui apresentada como uma “irmã de coração”³ e uma “filha adotiva”. Constantemente fui tratada pelas mulheres com carinho e alguns “mimos”. Quase sempre ganhava uma porção dobrada de carne, o alimento que eles mais apreciavam e era símbolo de fartura, ainda que não fosse um alimento integrante da minha alimentação como

² Essa é uma categoria que refere-se a profissão de açougueiros municipais que transformam os animais de criação em alimentos (gado, porcos, cabras, ovelhas), para comercializarem no açougue público ou em frigoríficos particulares.

³ Essa é uma expressão usada para descrever uma relação de afeto entre irmãos e que não está amparado em laços consanguíneos, mas num sentimento profundo de amizade.

vegetariana. Essas relações me posicionaram em campo, não apenas como pesquisadora, mas como amiga de uma das netas de vó (a proprietária da residência).

Argumento, portanto, que o vínculo de amizade foi um elemento chave para minha inserção em campo. Não quero, contudo, dizer que o afeto seja um elemento apenas de reciprocidades, tendo em vista que ele integra igualmente relações hierárquicas a ponto de infligir situações delicadas, pois se o afeto possibilita uma maior proximidade com alguém (o que pode ser bom em certos momentos) também exige uma etiqueta que componha posicionamentos diferenciados em relação àqueles com quem se tem menos proximidade ou familiaridade. Tal etiqueta é constitutiva do modo como nos relacionamos e especialmente importante quando surgem desavenças ou mal-entendidos que podem colocar em risco todo trabalho de investigação. Permita-me exemplificá-lo com uma experiência vivenciada.

Durante alguns meses eu e minha amiga tivemos alguns desentendimentos por causa de minha prima. Nossa relação ficou tensa. Sua mãe chegou a conversar comigo e dizer-me que sentia-se aborrecida, pois eu já não era tão presente na vida delas. Com o desgaste em nossa relação à pesquisa foi suspensa. Apenas quando decidimos que não havia motivos para nosso distanciamento voltei a frequentar o sítio da família.

Em Remígio, Flor era quem intermediava minhas visitas de campo. Uma figura pública, integrante do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Remígio (STR'R), alguém muito querida por todos que me acolheram, inclusive por mim. Os agricultores me recebiam em suas casas, mas durante o final da tarde eu precisava retornar à cidade (ao contrário das outras localidades). Esse tipo de interação foi o que me possibilitou criar um vínculo de admiração e grande respeito por “Flor”, pois passei a dormir em sua casa, consequentemente, compartilhamos nossas trajetórias de vida.

Na cidade de Piancó, em razão das amizades de minha mãe e pela minha origem, algumas agricultoras convidaram-me para permanecer um período entre elas. Fui continuamente tratada como se já nos conhecêssemos. Eu ficava em torno de cinco a sete dias a cada período de estadia e quando sentia necessidade de retornar a casa de minha mãe sempre insistiam para que eu ficasse mais um pouco. Meu retorno era incessantemente acompanhado de muita fartura, as mulheres dedicavam-se à minha presença com ternura.

Uma dessas famílias sentia-se em dívida com uma das minhas irmãs, pois um dos filhos do casal de progenitores começou a perder a visão necessitando de um transplante de córneas. Minha irmã, funcionária pública do órgão de saúde municipal, agilizou o procedimento, daí, sentiram-se tão afeiçoados a ela - “Eu devo a vida de meu filho a sua irmã”. De modo (in)direto, a relação com minha mãe e irmã refratava no modo como eles se relacionavam comigo.

Aos poucos fui percebendo que, ao contrário do que eu imaginava, as próprias lógicas de tempo e finanças domésticas diferiam das minhas percepções e o vínculo de amizade que ligava estas famílias à minha mãe era o elo que condicionava o tratamento e o modo como se relacionavam comigo. Em Remígio essa relação era centralizada na figura de Flor, enquanto em Santa Helena a minha relação com uma das netas da sua avó.

Com os animais não humanos...

Apesar de residir na área urbana mantive desde a infância uma relação de proximidade com o campo por causa de minha avó e de tios paternos. O sítio era um local de diversão, de fazer panelinhas de barro, deliciar-me com a comida cozida em fogo de lenha e com as frutas ainda em cultivo.

Enquanto meus tios tinham um grande fascínio por seus cavalos e pelo gado – os quais não me era permitido qualquer tipo de interação – eu adorava montar no jumento quando íamos (eu e minha tia) buscar água no rio. Marieta dispunha de um vínculo mais intenso com esta espécie, *Equus asinus*. A seus cuidados incluía alimentar, cuidar da saúde, percebendo alterações em seu comportamento. O animal também era especialmente afeiçoado a ela, tratava-a de maneira dócil e aceitava seus comandos com facilidade.

Eu via meus tios acordarem de madrugada a sair todos os dias para trabalhar na roça ou levar o gado – em tempo de seca – para locais mais distantes em busca de pasto. Minha avó e tia preparavam as refeições e cuidavam dos afazeres da casa, o que incluía, carregar água e lenha com o auxílio do burro.

Nunca me senti atraída para fazer amizade com as vacas, os cavalos ou as galinhas, nem mesmo imaginava que pudesse construir uma relação de afeto semelhante a que eu tenho com os meus animais de estimação. Acho que talvez seja por isso que nunca entendi o ciúme de meus tios pelos seus cavalos. Acabei sempre me mantendo distante, principalmente por em razões de temor a um dos meus tios, ele irritava-se com facilidade, caso alguém o desobedecesse. E assim, não me interessava manter uma proximidade com os animais não humanos que eles manejavam, só com aqueles manuseados pelas mulheres da família.

Cresci sempre na companhia de gatos, cachorros e periquitos, sendo os “gatos”, meus favoritos. Atualmente tenho dois, mas não sei ao certo quantos convivi ao longo da vida, sei apenas que foram muitos. Inclusive, em um único momento, passei a coabitar com vinte e seis (26), morávamos numa casa e eles tinham acesso livre as ruas, passando parte de seu tempo deitados sobre os móveis do domicílio. Todos ganhavam nomes, mas nunca foram tratados de modo igualitário, nem por mim, nem pela minha mãe, nem por meus irmãos.

Elizangela gostava muito do casal de “periquitos”. Conversava com eles, alimentava-os, e quando um deles fugiu - graças a Deus! não foi comido pelos meus gatos, evento que teria sido uma grande confusão - ela chorou muito. Até hoje sente tristeza quando recorda de tal episódio. Para mim essa perda não produzia qualquer efeito, já que não tinha nenhum tipo de vínculo com eles, no máximo, os achava bonitinho, mas só. Minha mãe e duas de minhas irmãs gostavam mais dos “cachorros”, meu irmão dos “pássaros”, de modo que era constantemente ameaçada por ele, caso abrisse a porta das gaiolas e os deixasse fugir. Vontade eu tinha, mas era vencida pelo covardia.

Coloco a espécie entre aspas, pois como descreverei, a relação era construída entre cada sujeito humano e cada sujeito não humano. Recordo que me afeiçoei por um cachorro em especial, seu nome era Trigueiro, um vira-lata. Ajudava as minhas irmãs a alimentá-lo e aos sábados no banho. Ele passava quase todo o tempo numa casinha construída num espaço externo a casa, eventualmente saía para passear (sozinho) pela cidade. Certo dia não retornou. As primeiras semanas foram angustiantes, pensávamos que estava perdido ou que alguém o teria levado, porém conseguiria retornar. Somente, após uns cinco a sete anos, quando acompanhando minha mãe numa visita a uma amiga, escutando alguns latidos, os quais

ecoaram em maior frequência com minha entonação vocálica. Ao verificarmos a agitação do comportamento do cachorro, reconhecemo-nos. Cheguei perto, ele pulou e começou a me lambar. Eu quase não acreditava que fosse ele! Quando voltamos para casa, Trigueiro correu em nossa direção, mas minha mãe não permitiu que ele voltasse, pois ele não era mais um animal saudável. Eu chorei muito.

Com meus gatos não foi diferente. Apesar de conviver com muitos, só lembro de alguns, daqueles com quem mantive maior afeto. Quando Teté morreu, por exemplo, senti uma tristeza tão profunda que precisei de seis anos para decidir conviver com outro gato. Naruto é o meu mais novo filhote. Este ano adoeceu, estava com cálculo na bexiga, chegou a urinar sangue e a ter este órgão obstruído. Pensar que ele poderia falecer, vê-lo passar por procedimentos dolorosos, perda de peso, e um comportamento mais retraído deixou-me paralisada até o período que recuperou a saúde. Eu não conseguia dormir, não me concentrava em minhas atividades, só chorava e pensava que ele iria morrer.

Enfim, descrevo a minha relação pessoal com os animais não humanos, não com o intuito de construir um trabalho de cunho ideológico, mas almejo percorrer uma argumentação na mesma direção que Rosaldo (2000) e permitir ao leitor uma descrição da concepção de afeto. Em sua pesquisa com Ilongotes do Norte de Luzón, nas Filipinas, Rosaldo descreve que por muitos anos não entendeu as explicações atribuídas pelos homens à prática de caça de cabeças (*headhunting*) como uma ação que implicava na dissipação da ira nascida na aflição. Procurando inicialmente aplicar o modelo da dádiva para construir sua análise. Deste modo, caçar cabeças resultaria de uma morte revogada por outra da mesma casta, compensando a balança. No entanto, ao compartilhar esse tipo de descrição com um nativo sua teoria parecia não fazer qualquer sentido. Assim, impor a teoria da dádiva sobre um aspecto da conduta dos Ilongotes apresentava-se como infundado e divergente da concepção nativa.

Todavia, após a morte de sua esposa, essa perda devastadora provocou sensações de ira, e essa experiência pessoal o fez repensar sobre as explicações dos Ilongotes em torno de seus sentimentos de ira e aflição que os levava à caça de cabeça de outros homens. A partir desse momento ele percebeu que outro tipo de análise poderia explicar os motivos dos

homens para caçar as cabeças, algo que só conseguiu compreender após sua experiência pessoal. A partir de então, trouxe como elemento chave de sua abordagem a força cultural das emoções, especificamente a força emocional de uma morte, considerando ainda, a posição do sujeito dentro da área de relações sociais para delinear as posições que provocam certas formas de conduta humana.

Na mesma direção, as narrativas e o cotidiano entre criadores e animais me levou a pensar as relações entre humanos e não-humanos mediadas por algum vínculo afetivo, geralmente associado à própria profissão. Como pretendo demonstrar ao longo deste trabalho a força das emoções é uma ferramenta analítica crucial para delinear o estatuto e as representações dos animais não-humanos assujeitados também ao grau de proximidade ou distanciamento com cada membro da unidade doméstica. Contudo, o sentimento de afinidade, ao contrário do que eu imaginava, não é um fator de simetria, mas um componente de hierarquia, pois permite um tratamento diferenciado.

Foram as explicações dos agricultores em torno de sua relação com os animais que me fizeram repensar sobre a minha própria relação com estes não-humanos. Apesar de percursos distintos, ambas as histórias desembocam em aspectos semelhantes como: a incapacidade de explicar as práticas somente a partir de um modelo classificatório que coloca como elemento central a espécie e não a relação entre sujeitos em constante interação, bem como, a experiência individual de cada pessoa e a posição dos sujeitos em questão.

Trouxe a minha experiência pessoal, para posteriormente ilustrar, as características que apareceram em meu campo e que outrora eu jamais havia refletido. A começar pela interação individual entre sujeitos (humanos e não humanos) e não entre espécies. Assim, como a minha afeição não é pela espécie felina, mas por Naruto e Gaara, e eles não são iguais para mim, do mesmo modo os agricultores não se relacionam com os animais (enquanto categoria genérica), mas com cada indivíduo, interagindo de maneira específica. Compartilhei minha experiência também para demonstrar como a posição dos sujeitos em campo impulsiona ou contribui para o tipo de interação possível. A autoridade de um de meus tios quando eu ainda era criança me impossibilitou de conviver com o gado e os cavalos. A posição de minha mãe determinou que eu não poderia ter Titi de volta.

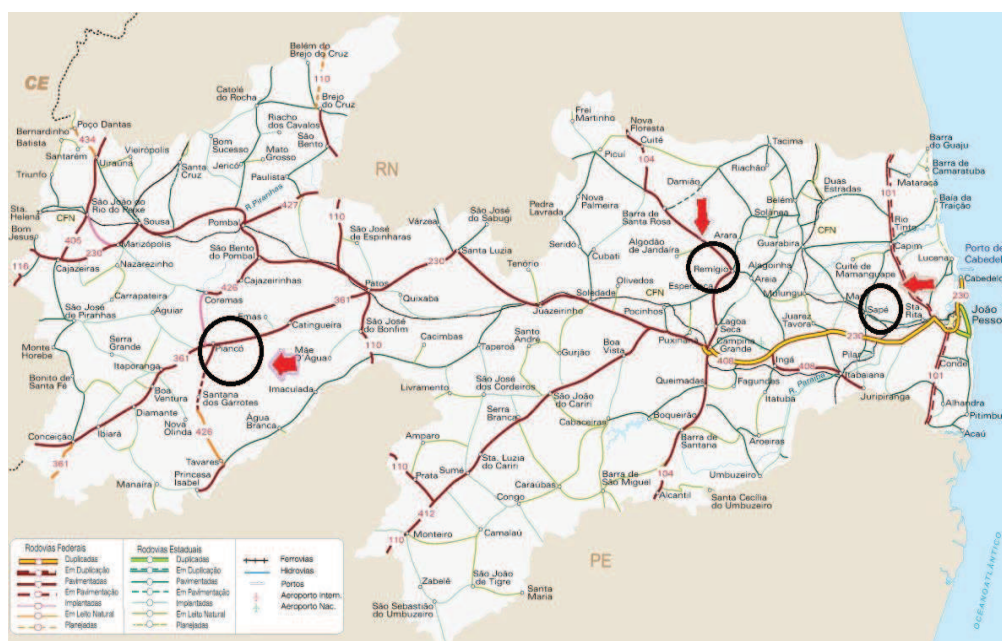
1.2 Caracterização dos locais de pesquisa

De acordo com o Censo IBGE 2006 e pesquisas realizadas pela FAO/INCRA, os pequenos produtores rurais têm um papel de grande relevância no abastecimento do mercado interno brasileiro. Eles são responsáveis por 37,9% do Valor Bruto da Produção (VBP). As principais atividades incorporadas pelos agricultores familiares são: a criação de aves, produção de ovos, milho, feijão, leite e pecuária de corte.

Na região Nordeste os produtos mais importantes na composição do VBP da agricultura familiar são a pecuária de corte e leite seguidos por feijão e milho. Essas atividades concentram o maior número de agricultores familiares, todavia possui o menor percentual de proprietários das terras com o maior número de minifúndios, com uma das menores percentagens de acesso à tecnologia (2,7%), energia elétrica (18,7%) e financiamento rural (14,3%).

Mediante as disparidades e especificidades climáticas que possibilitam uma distribuição diversa nas atividades agrícolas e criação de animais, a região nordeste é dividida em quatro sub-regiões (Zona da Mata, Agreste, Sertão e Meio-Norte), das quais, as três primeiras se estende a Paraíba. Como referido anteriormente, a pesquisa etnográfica a partir dos quais os dados apresentados nesta dissertação foram retirados foi desenvolvida nas áreas rurais de três municípios do estado da Paraíba. Esses municípios são Sapé, na Zona da Mata, Remígio, no Agreste, e Piancó, no Sertão (cf. figura 1).

Figura 1 – Mapa da Paraíba



Fonte: página do Google imagens mapas da Paraíba⁴

Essas microrregiões apresentam diferentes configurações climáticas, de produção, bem como de caracterização populacional, produzindo assim distinções nos modos de vida das pessoas que lá habitam. O Território da Zona da Mata apresenta condições climáticas favoráveis às explorações agropecuárias, sendo caracterizado pela monocultura da cana-de-açúcar com implantação de usinas de álcool e açúcar. Dentre os municípios que pertencem a essa sub-região, Sapé se destaca por apresentar o maior número de estabelecimentos rurais e a formação de assentamentos. Na Usina Santa Helena (figura 2), a paisagem é fortemente marcada pelo cultivo de cana de açúcar, criação de gado e aves para produção de leite e ovos.

Figura 2 - Usina Santa Helena, 2015.

⁴ Disponível em < <http://www.brasil-turismo.com/mapas/paraiba.htm> > acesso em janeiro de 2016.



Foto: Joelma Batista

Como podemos observar na foto 2, há uma vasta plantação de cana de açúcar e resquícios da Usina Una Agroindustrial, implantada em meados dos anos 2000 e desativada em 2008 após um incêndio. Esta indústria tem fortes implicações nas atividades de trabalho (geralmente dos filhos dos agricultores) que passaram a ser inseridos como trabalhadores assalariados

A família que me acolheu exemplifica bem o panorama de transformações a partir da instalação desta usina. A maioria dos filhos e netos foram empregados na Usina Una Agroindustrial e com a falência da mesma, eles continuaram a desenvolver suas atividades nas áreas urbanas. As atividades que assumiram eram voltadas para o ramo da construção civil, ocupando postos de soldador e ajudante de pedreiro. As mulheres também se dispersaram em busca de mão de obra assalariada. No caso da família em que fui acolhida, havia uma unanimidade no tocante à profissão das mulheres que migraram para a zona urbana: todas eram empregadas domésticas.

Enquanto a Zona da Mata tem seu percurso histórico com o cultivo da cana de açúcar, o agreste se destaca pela atividade pecuária e cultivo de policulturas, tanto em gênero alimentício (feijão, milho, fava, mandioca, produtos da fruticultura e produção de hortaliças), quanto nas atividades de criatório - gado (maior destaque), cabras, ovelhas, galinhas e outras aves, porcos na corda ou no chiqueiro/curral.

Figura 3 – Dona Rute alimentando as galinhas, Sítio Macaquinhos, 2013.



Foto: Joelma Batista

A escolha da figura 3 para ilustrar as áreas rurais de Remígio deve-se a uma característica muito particular em comparação a Sapé e Piancó. Neste município é marcante a participação e reivindicação das agricultoras na construção de políticas públicas em prol da agricultura ecológica através de sua atuação em rede (sindicatos, associações comunitárias, serviços pastorais, serviços técnicos) em prol do fortalecimento da agricultura familiar, com enfoque particular, na agroecologia.

Com o apoio governamental, no início do governo Lula (2003), via Ministério do Desenvolvimento Rural e Secretaria da Agricultura, foram feitos financiamentos para implantação de Viveiros de Mudanças, Banco Mãe de Sementes e Feiras Agroecológicas.

Para Silveira et al. (2010:17-18) essa abertura política possibilitou uma maior visibilidade para instituições públicas e privadas, posicionando o Território da Borborema⁵ enquanto uma arena privilegiada de expressão e disputa de projetos para o desenvolvimento rural, impulsionando programas, como: Programa Um Milhão de Cisternas para Provisão de Água para Consumo Humano (P1MC) e o Programa Uma Terra e Duas Águas para acesso e Manejo de Água para a Produção de alimentos (P1+2); estocagem de variedades de sementes através da compra pelo Programa de aquisição de alimentos da Companhia Nacional de abastecimento (Paa/Conab); aquisição de grãos para a produção de multimistura – suplemento alimentar para crianças e gestantes – e a compra de alimentos agroecológicos para abastecimento de escolas e creches.

Todo esse cenário contribui de modo direto ou indireto para a criação de um curso de graduação em agroecologia na Universidade estadual da Paraíba (UEPB) – Campus Lagoa Seca, e atividades de pesquisa e extensão de diversos cursos do campus Bananeiras da, Universidade Federal da Paraíba (UFPB) voltados para o desenvolvimento rural do território da Borborema. Entre essas ações pode-se destacar o projeto de mudas e a criação do Curso de especialização em agroecologia, em 2008, e posteriormente, o curso de graduação. O cenário embebido num conceito agroecológico tem impulsionado o desenvolvimento de projetos agrícolas associado à criação de animais, como a Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), programa do governo federal com parceria Sebrae, voltado para pequenos produtores, incentivando a produção de hortifrutigranjeiros sem uso de agrotóxicos, em que as fezes das galinhas, adicionada as folhas disponíveis, tornam-se um adubo orgânico.

O próprio conceito “orgânico” passa a ganhar novos arranjos através de normas e requisitos instituídos pelo Ministério da Agricultura e fiscalização de técnicos nas feiras agroecológicas a fim de garantir que os produtos comercializados atendam aos padrões

⁵ O Território Borborema - PB abrange uma área de 3.341,70 Km² e é composto por 21 municípios: Algodão de Jandaíra, Arara, Areial, Campina Grande, Esperança, Pilões, Puxinanã, Queimadas, Remígio, Serra Redonda, Solânea, Alagoa Nova, Areia, Borborema, Casserengue, Lagoa Seca, Massaranduba, Matinhas, Montadas, São Sebastião de Lagoa de Roça e Serraria. **Fonte:** Sistema de Informações Territoriais (<http://sit.mda.gov.br>).

instituídos. Lembro bem de uma cena que pode ser elucidativa, uma situação que presenciei na comercialização de algumas galinhas na feira agroecológica de Remígio. As agricultoras estavam preocupadas com a ação de um agricultor que vendia suas galinhas no mesmo espaço da feira. Segundo elas, ele não pertencia à associação dos agricultores ecológicos (Ecoborborema), e tampouco pouco criava seus animais num regime ecológico - alimentação sem adição de hormônios, vacinas, e medicação caseira. O medo destas mulheres era que o técnico aparecesse naquele dia. Como elas explicariam que aqueles animais não faziam parte de seus produtos, já que o homem que as comercializava estava ao lado das barracas agroecológicas?

O discurso ecológico tem ganhado dimensões institucionalizantes provenientes de órgãos governamentais, perpassando da agricultura à criação de animais, pois é esta última que pode ser uma grande aliada ao “adubo orgânico” ou ainda um animal orgânico, como é o caso da galinha ecológica. Na verdade esses animais ganharam tal denominação, mas uma criação sem uso de hormônios sempre foi uma prática adotada pelas agricultoras, e a categorização nesses termos se relaciona a uma distinção ao cultivo de aves em uma estrutura de granja, caracterizada pela adoção de algumas medidas como o uso de ração para estimular o crescimento do animal mais rápido, como é o caso do agricultor que comercializava suas galinhas na feira, ao lado das barraquinhas das mulheres.

Ainda falando sobre criação de galinhas, o programa de Fundos Rotativos Solidários, intermediado pela assessoria AS-PTA e pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Remígio, com parceria de ONG's internacionais, tem desenvolvido ideias para aumentar e possibilitar a criação de galinhas, tendo como público alvo as mulheres. Trata-se da aquisição de arame para construir galinheiro telado, ou ainda, pela aquisição de ovelha para aumentar a criação. O programa tinha como intuito inicial contribuir para um melhor desempenho do trabalho das mulheres, contudo, acabou contribuindo para a formulação de um debate público em torno das desigualdades entre homens e mulheres, pondo em evidência a violência contra a mulher. Essas temáticas e reivindicações se tornaram públicas através de marchas efetuadas anualmente pelo Polo da Borborema, sendo o sindicato de Remígio pioneiro nessa atividade, em 2008.

Remígio foi o espaço de maior diversidade de famílias, dentro de um espectro de possibilidades, optei, como estratégia de adensamento das informações etnográficas, acompanhar de maneira mais próxima e íntima duas delas: a de dona Pooh e dona Antonieta. A primeira família reside no sítio Camará. Seu núcleo doméstico é composto por ela, marido, três filhos e uma irmã de seu marido. Entre os filhos, um deles mora em São Paulo, o outro é estudante de zootecnia e a mais nova cursa o ensino médio. Em minha última visita um dos filhos estava prestes a se casar e estavam a construir nos arredores dos pais, uma casinha. Ele passava a semana em Areia (onde fica a faculdade) e no final de semana vinha para casa e trabalhava com o pai no roçado e com o manejo dos animais. Tinha como sonho utilizar os conhecimentos científicos adquiridos com sua inserção na universidade nas terras dos pais, trabalhando juntos.

Dona Pooh e seu esposo tem suas raízes em áreas rurais do interior do estado. Residiram por muitos anos em São Paulo, retornando a Paraíba após a aquisição de uma poupança com finalidades de adquirir um pedaço de chão, uma propriedade de mais de vinte hectares. Nela, cultivavam banana, laranja, macaxeira, cana de açúcar, abacate, jaca, maracujá e tangerina. Atualmente criam duas vacas, um bezerro e um boi, mais de cem galinhas.

Eles têm acesso a vários programas de incentivo agrícola, ecológico e para o desenvolvimento do criatório de galinhas (Sebrae junto ao Banco do Brasil), dispondo de auxílio técnico da Emater ou outras instituições. Essas parcerias são facilitadas por associações sem fundos lucrativos, como a AS-PTA (Agricultura Familiar e Agroecologia), ou pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Remígio, ao qual dona Pooh e seu esposo são vinculados.

Dona Antonieta morava no assentamento Doroty. Ela tinha seis filhos, entre os quais, duas mulheres e um homem eram casados, os demais, solteiros, moravam com os pais. Há alguns meses, um deles separou e trouxe os filhos para morar com eles, ficando na casa sete pessoas no total. Há poucos metros de distância da casa central no sítio, onde morava dona Antonieta, dava para ver outras duas residências onde coabitava os filhos. Apesar de cada um ter seu lote com mais de vinte hectares, trabalhavam de modo agregado no roçado,

chegando a comportar as criações num mesmo espaço. Compartilhavam não apenas o trabalho, mas o que dele era gerado, os bens produzidos.

Enquanto a Zona da Mata tem seu percurso histórico marcado pelo cultivo da cana de açúcar, e o agreste se destaca pela atividade pecuária e cultivo de policulturas, o sertão teve/tem sua base de produção amparada na exploração da pecuária, e a partir do final do século XVIII, o cultivo de algodão como uma atividade complementar a primeira, mas foi disseminada com a praga do bicudo.

O Sertão se caracteriza, principalmente pelas altas temperaturas e dificuldades de abastecimento de água nos períodos de estiagem. A água usada na agricultura e pecuária advém de pequenos açudes e barreiras pode tornar-se escassa ou mesmo esgotar completamente no período de estiagem, caso, o período de chuva seja curto. O que torna a construção de cisternas de placas através do Programa 1 Milhão de Cisternas, em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), uma alternativa de combate à seca. Todavia, apesar dos períodos secos e sua interferência sobre a produção, há o cultivo de policultura, principalmente, feijão, milho e macaxeira, geralmente, associada à pecuária, com predomínio de bovinos e grande número de caprinos e asininos (jegues).

Devido a inconstância e irregularidades de chuvas no sertão paraibano, em Piancó, a agricultura tem se tornado cada vez mais escassa, entre os meus colaboradores, pouquíssimos tem se dedicado a essa atividade, geralmente direcionada para atender a alimentação da unidade doméstica.

Figura 4 – Curral de seu Zezinho, 2014.



Foto: Joelma Batista

A figura 4, permite ao leitor, visualizar a questão climática e vegetação como um fator de grande relevância neste cenário. A árvore ilustrada - *Ziziphus joazeiro* – medindo de quatro a dez metros de altura, sobrevive em períodos de estiagem, exclusiva de várzeas da região semiárida (caatinga), mantendo-se vívida e verde em todo o ano. De fundamental importância para a sobrevivência dos animais, particularmente, como abrigo aos dias mais ensolarados. Todos os currais que visitei tinham uma dessas árvores em seu espaço. A pastagem (alimento base do gado) floresce com poucos milímetros de chuva, as próprias margens dos rios, à medida que vão secando tornam-se territórios de pasto, garantindo alimentação para alguns meses do ano.

Em Piancó convivi com duas famílias. Um dos núcleos familiares que acompanhei era composto por dois filhos, ele, sua esposa e a mãe (numa casa ao lado). Aos domingos almoçavam juntos e no restante da semana cada qual cuidava dos seus afazeres. Ela ficava a tarde sozinha, e pela manhã e noite tinha companhia de outra mulher, responsável pela limpeza da casa e dormir com ela. Com poucos metros de distância ficavam os parentes pela

parte da mãe, as irmãs de Sara, conheci três delas, já um pouco mais distante, ficava a habitação dos pais dela. Todas as noites, ela ia junto com o filho de moto para medicar os pais e ver se estavam bem.

A Outra família residia em outro sítio, nos Pilões. Dona Tica mudou-se após o casamento, razão pela qual não tinha parentes na região, apenas o marido. Uma casa com dois cômodos, três filhos (duas moças que moravam em Brasília e se casaram em 2015) e um filho (também casado), mas preferiu ficar ao lado dos pais, numa casinha construída com a ajuda financeira deles. Os pais de sua esposa moravam, a mais ou menos, um quilômetro de lá, já era outro sítio. Ricardo trabalhava vendendo pano de prato e pia, auxiliava a mãe na cozinha, principalmente quando se preparava galinha, tinha uma habilidade incrível, era ágil e sua comida deliciosa. A esposa de Ricardo ajudava a sogra com a limpeza da casa, uma vez por semana e era responsável pela faxina de maneira esporádica. Quando dona Tica sentia-se indisposta, ela estava lá. Na maioria do tempo, cada qual fazia a refeição em suas casas, mas alguns dias, principalmente final de semana, se reuniam e comiam todos juntos.

Nos dois casos, o trabalho com os animais era feito com mais frequência pelos pais e a ordenha das vacas, exclusivamente, pelo pai. Na família de seu Arnaldo, há muitos anos só ele lidava com o gado, enquanto Sara era professora e cuidava da criação de galinhas. Seus dois filhos trabalham na cidade, um era técnico de enfermagem, dando plantão no Hospital Regional de Piancó, e o outro biomédico, exercendo atividades no laboratório do Hospital Regional de Patos, após prestar concurso público.

Apesar de ter me instalado apenas nestas duas residências para que pudesse ter uma visão mais ampla do cotidiano e das relações delas com os humanos e com os animais, eu também tive vários outros interlocutores, tanto nos sítios que eles residiam como em outros, e com marchantes.

Os espaços escolhidos para pesquisa se diferenciam não apenas por estarem em microrregiões que mantêm características muito diversas, mas principalmente pela sua conjuntura histórica e política. Apesar das distinções de cada local, as relações em torno da organização social concentrava-se na unidade doméstica, composta por aglomerados habitacionais vinculados por laços de parentesco, dispostos em duas a três gerações. As casas

situavam-se a poucos metros de distância entre si, e se multiplicavam à medida que os filhos casavam, de modo que pudessem continuar próximos aos pais, mas em residência própria e geralmente construída com os recursos e a mão de obra colaborativa de todos os membros do núcleo doméstico. As terras, apesar de terem algumas demarcações individuais são compartilhadas. O que é produzido, mesmo que esteja entre essas reservas individuais, na maioria das vezes acaba sendo direcionado para todas as habitações. As atividades com a terra são planejadas através da divisão entre a roça e a pastagem utilizando cercas de madeira e arame como forma de impossibilitar que os animais caminhem pelo cultivo agrícola, pois podem danificá-lo ou impedir que brotem.

Enquanto a primeira e segunda geração mantêm uma forte identidade com a agricultura e criação de animais, a geração mais jovem dispersa rumo às zonas urbanas com fins de fornecer mão de obra assalariada. As áreas são diversas, podendo ser desde aquelas que exigem algum tipo de qualificação, como ensino técnico e superior (Piancó e Remígio) ou de atividades que se aprendeu com a prática, como: serventes, ajudantes de pedreiro e soldador (Usina Santa Helena). Um aspecto diferencial de Remígio, a proximidade da cidade com o campus universitário possibilitou a muitos jovens do agreste, a oportunidade de dedicar-se a cursos superiores voltados para as próprias atividades do campo (agroecologia, zootecnia), o que acabou por envolvê-los ainda mais nas atividades da área rural, enquanto nos demais locais, indiretamente, a pouca diversidade em ofertas e postos de trabalho os distanciava dos roçados e rotina diária com a criação. Contudo, isto não tem nenhuma implicação nas relações com as unidades domésticas. Aliás, não eram exclusivamente as atividades com a terra que definiam a organização do grupo, mas principalmente, sua junção a partir do vínculo parental, para manutenção deste. Essa é uma característica comum a todas as famílias pesquisadas. Contudo, as experiências com as atividades do campo tem implicações direta nas representações em torno dos animais, algo completamente associado as interações diárias com eles. Postos essas questões, coloquemos em diálogo, alguns elementos que são fundamentais para descrever a relações humanas e não humanas no processo de domesticação.

1.3 Criação: uma relação individualizante entre sujeitos humanos e não humanos

A gente tinha aquele amor pelos animais... **dava nome a alguns, só alguns**; porque, às vezes, **enjeitava uns burregos**; aí, a gente achava bonito; aí, botava nome de alguns borregos; **aqueles que era mais apegado, corria atrás da gente**, entendeu? Bega, algum assim; mais era mais Beguinha. **Eu era mais apegado quando criava muitos e era todo dia; um monte de borrego novo correndo atrás.**

(Augusto, depoimento em entrevista, 2015, grifo meu)

A epígrafe acima permite apreender que usar o termo genérico “animais”, para descrever a relação entre os agricultores e sua criação é extremamente limitado. A primeira questão a ser feita, para elaborar de maneira mais precisa o problema, é refletir sobre quem estamos falando. No contexto de pesquisa, os animais não humanos não são pensados, tampouco tratados, como seres homogêneos. Atribuir nomes é uma maneira de colocar essas diferenças à baila, de distinguir e de manter uma maior proximidade.

Nestes termos, o estatuto desses não humanos, não se estabelece pelo critério de pertencimento à espécie. O aspecto emocional é um elemento constituinte nessas interações. No caso posto em destaque, a relação de afastamento das fêmeas com seus filhotes proporciona uma iminência dos humanos com eles, passando a ser alimentados, resguardados em ambientes mais próximos da residência (ou nela). Esta interatividade era refletida nas representações e relacionamento. Animais humanos e não humanos passam a conviver de modo mais acentuado, permitindo o surgimento de um vínculo sentimental descrito como “apego” (categoria êmica).

Figura 5 – Seu Zezinho cuidando das cabras, 2014.



Foto: Joelma Batista

Na minha própria família, há muitos anos atrás, criamos uma ovelha. Ficamos com ela entre quatro e seis meses. Nessa época, eu era criança. Não me lembro por qual razão nem como a ovelha chegou à nossa casa. Ganhou nome, mas não me recordo. Nesse período, o espaço externo a casa tinha duas divisões. Numa delas, minha mãe cultivava plantas; o outro estava quase sempre vazio; colocamos a filhote de ovelha. Recebia duas refeições diárias, servida numa mamadeira improvisada em garrafa pet. Nestas ocasiões, nos reuníamos todos, dávamos muitas risadas por causa da rapidez e destreza dela para sugar o leite; associávamos a amamentação de uma criança. Na maioria do tempo, ela ficava recolhida neste espaço, mas aos poucos acabou aprendendo a “fugir” quando abríamos a porta. Inicialmente, não havia problema algum, somente quando tornou-se jovem (período de realocá-la ao curral). Ficamos tristes por vários dias, mas ninguém ousaria confrontar a decisão de minha mãe.

Quando uma de minhas irmãs casou, acabou por vivenciar outra situação semelhante. O pai de seu esposo habitava na área rural e tinha várias criações, inclusive de ovelhas. Uma

delas “enjeitou” a cria. Seu Elião pediu ao filho Augusto, para ficar com o animal até que ela pudesse alimentar-se sozinha. Quando chegou, ganhou o nome de Beguinha. Após o desmame, ela continuou a ser cuidada por eles (esse é um caso esporádico, o comum é que esta relação se mantenha até que eles se alimentem sozinhos). Ela era amarrada em terrenos com pasto. Quando se soltava, Augusto, pegava moto e saía nas ruas chamando-a pelo nome; Beguinha, de longe, berrava e corria a seu encontro. Até o dia que seu Elião decidiu vendê-la. Augusto e minha irmã ficaram muito tristes e até hoje se emocionam e dizem que “sentiram” sua ausência.

Outro caso interessante, que segue um percurso diferente, é a situação exemplificada pela figura 5 (ilustrada no início desta sessão). O criador, segura os chifres da cabra, o filhote mama. Trata-se de mais um caso de recusa de amamentação. A cabra “mãe” fica agressiva quando os animais tocam suas tetas, mas seu Geraldo (que tem uma relação de serenidade com ela, achou uma alternativa para que o filhote fosse alimentado por ela, imobilizando-a. Assim, enquanto na ausência dele, ela rejeita a amamentação, com sua interferência mantém-se calma e permite que os filhotes alimentem-se. Neste caso, o carinho que ela mantém por ele medeia seu comportamento com os filhos. É essa concepção de afeto que pretendo desenvolver. Um sentimento que mobiliza ou condiciona a ação do outro, permitindo a formação de um relacionamento amigável e distinto.

Neste dia estávamos dentro do curral. Ele, seu Arnaldo e eu. Desde que entramos o animal não se inquietou com a presença de seu Arnaldo – penso que como eles são amigos e convivem constantemente, os animais acabam se habituando à presença de ambos, enquanto não parava de me observar, seguindo cada passo, chegou a posicionar-se com os chifres em minha direção (figura 5), no entanto, ao perceber minha aproximação do criador, recuou.

Assim, temos aqui, algumas questões a serem suscitadas. Primeiro, o estatuto do animal é algo extremamente fluído (esse será o tema central do capítulo III). Segundo, o pastoralismo tem como um de seus princípios, como bem descreve Foucault (1990), interações individuais, nela se cria graus de relações distintas, como é o caso dos “enjeitados”. Terceiro, a criação de um vínculo emocional ou de dominação se instaura numa relação de confiança.

A interação de seu Arnaldo com suas cinco vacas – Chuita, Branquinha, Amarelinha, Estrelinha e Pretinha – pode nos ajudar a pensar um pouco mais sobre estes pontos. A cada uma delas descreve com personalidades e traços físicos distintos, foi graças a esses atributos que escolheu seus nomes. Chuita é sua predileta, com ela desenvolveu uma relação de maior confiança - “tanto faz amarrar as patas traseiras no instante da ordenha”. Quando as maneja, chama por seus nomes e, uma a uma, vêm ao seu encontro. Todos os dias, as conduz a terras com pastagens. Sai de casa em torno das 5h00 da manhã e retorna às 14h00, quando vai ao seu encontro novamente, para trazê-las de volta. Somente ele pratica o manejo, sua esposa e seus dois filhos exercem outras atividades.

A própria ordenha permite a formação desse tipo de relação, fundada numa interação individual entre sujeitos (humano e não humano). Os filhotes são remanejados para um curral ao lado, e as vacas a outro, ficando apenas o filhote amarrado junto à pata dianteira da “mãe” (essa é uma prática desempenhada por agricultores, no sítio Pilões e Junco/Piancó). Outro fator que transparece, nesta ocasião, é a aceitação das vacas e familiaridade com os ordenhadores. As habilidades técnicas se constroem junto a relação construída. Seu Arnaldo e muitos outros criadores relataram-me que seus animais têm dificuldades com outras pessoas, independente de terem pouca ou muita experiência na extração de leite.

Nas segundas-feiras seu Arnaldo trabalha na feira livre municipal de Piancó saindo na madrugada e retornando apenas no final da tarde, impossibilitando-o de cuidar de seu rebanho. Em um destes dias pediu a um amigo para ordenhar suas vacas. A reação delas foi instantânea, cheirando-o. Imaginando que isto poderia ocorrer, o homem vestia as roupas de seu Arnaldo. Apesar do cheiro nas roupas ter chamado atenção das vacas, após passar as narinas várias vezes no João (por um curto intervalo) afastaram-se e não permitiram que a ordenha fosse efetuada. Por esse ângulo, evidencia-se a importância em seguir as representações agregada as relações e configurações específicas sem querer elevá-las sempre ao rebanho como um todo, mas enquanto uma interação entre espécimes.

A individualidade segundo Foucault (1990), se configuraria numa ferramenta de poder, utilizada para “*dirigir os indivíduos de forma contínua e permanente, como ocorre no*

pastoreio”. Este tipo de relação pastoril seria equiparado a centralização do poder no Estado⁶. A figura do pastor aparece como eixo que mobiliza a existência do rebanho, mas ao mesmo tempo, os reúne como indivíduos dispersos.

(...) *O pastor reúne, guia e conduz seu rebanho*. A noção de que competia ao líder apaziguar quaisquer hostilidades no interior da cidade e instituir a unidade no conflito está presente, sem dúvida, no pensamento grego. Mas *aquilo que o pastor reúne são indivíduos dispersos. Estes reúnem-se ao ouvir sua voz: "Ouvindo meu assobio, eles haverão de reunir-se"*. Inversamente, basta o pastor desaparecer para que o rebanho se disperse (FOUCAULT: 1990, p.80, grifo nosso).

O pastor constrói uma relação de benignidade individualizada, velando suas ovelhas, uma a uma, para serem alimentadas e salvas.

(...) Mas o modo como o pastor salva seu rebanho é bem diferente. Não se trata apenas de salvar todos os indivíduos, em conjunto, na iminência do perigo. É uma questão de benignidade constante, individualizada e final. De benignidade constante, visto que o pastor proporciona alimentos a seu rebanho; diariamente, mitiga sua fome e sua sede. (...) o pastor vela para que todas as ovelhas, uma a uma, sejam alimentadas e salvas (FOUCAULT: 1990, p.80, grifo nosso).

⁶ O Estado unificaria a estrutura legal da unidade, mas ao mesmo tempo exerceria influência sobre cada indivíduo e suas ações, semelhantemente, ao poder pastoril que dispõe de uma relação individual com cada ovelha que submete-se com o consentimento de sua vontade. “(...) Tratam das relações entre o poder ativo no interior do Estado enquanto estrutura legal da unidade, e *um poder que podemos denominar "pastoral", cuja função é ocupar-se permanentemente das vidas de todos e de cada um*, garantindo-lhes sustento e progresso. O famoso "problema do welfare state" faz mais que chamar a atenção para as necessidades ou as novas técnicas de governo do mundo atual. É preciso reconhecê-lo pelo que é: um dos ressurgimentos extremamente numerosos do delicado ajustamento entre poder exercido sobre sujeitos civis, e *poder pastoral exercido sobre indivíduos vivos*. Evidentemente, não tenho a mínima intenção de narrar a evolução do poder pastoral ao longo do cristianismo. (...) Meu objetivo era simplesmente destacar a força e a complexidade *dos laços morais que unem o pastor a cada membro de seu rebanho*. Em particular, eu queria destacar o fato de que *esses laços não dizem respeito apenas a vidas individuais, mas também aos detalhes das ações dos indivíduos*. No cristianismo, *o laço com o pastor tem caráter individual*. Trata-se de uma *submissão pessoal*. A vontade do pastor é cumprida não por estar de acordo com a lei, e não apenas até o ponto em que está de acordo com a lei, mas, principalmente, por tratar-se de sua vontade” (FOUCAULT: 1990, p.85, grifo nosso).

Ao conhecer o rebanho detalhadamente, ele vela por suas ovelhas, discernindo as necessidades de cada uma em razão da atenção individual que acomete a cada membro do rebanho.

(...) Quando as ovelhas dormem, ele vela. O tema de velar é importante. Ressalta dois aspectos do devotamento do pastor. Primeiro, o pastor age, trabalha e se esforça por aqueles que nutre e que estão adormecidos. Segundo, vela por eles. Presta atenção em todos e perscruta cada um deles. *Tem que conhecer seu rebanho como um todo e detalhadamente. Não é suficiente ele saber onde se situam as boas pastagens e conhecer as leis sazonais e a ordem das coisas; também tem que saber quais são as necessidades específicas de cada um (...) o poder do pastor supõe atenção individual a cada membro do rebanho* (FOUCAULT: 1990, pp. 80-81, grifo nosso).

Em suma, o ato de governar na percepção de Foucault (1990) não aparece como associado a evolução do Estado a uma esfera centralizadora e soberana, mas a arte de governar aproxima-se a uma *espécie de “pastoral” cuja função é ocupar-se, ininterruptamente, das vidas de todos e de cada um através de técnicas de poder, orientadas para os indivíduos e destinadas a dirigi-los de forma contínua e permanente, através de uma submissão pessoal*. É essa relação pastoril, que nos interessa aqui e o ato de governar que dela deriva sob os indivíduos e suas vontades como um instrumento de poder eficiente.

Vimos com os casos exemplificados que, ao construir uma relação individualizante, homens, cabras e vacas discernem sua presença criando um vínculo emocional. Portanto não é apenas o pastor que desenvolve uma relação individualizante, mas igualmente cada ovelha com o pastor. Essa dimensão poderá repercutir na performance corporal, comportamental ou produtiva. Como bem salienta Porcher (2010), apesar do trabalho está estruturado em relações assimétricas coexiste aspectos de reciprocidades, mediado por uma espécie de colaboração que se amplifica a um investimento subjetivo das vacas na produção leiteira. Assim, a subjetividade dos animais não humanos é substancial nas atividades de manejo.

1.3.1 O humano se constrói em interação com os seres não humanos numa configuração

Coice de bicho a gente leva; quem luta com gado, bezerro; a gente amansando bezerro, novilha que pare, às vezes, acontece de levar coice; é isso mesmo, tem que conviver, tem que ter cuidado para não ser grave; mais não tem quem lute, para não levar coice, queda; acostuma; o homem é para topar tudo (Antonino 2015).

Sempre ouvi na descrição de meus interlocutores o quanto eram apaixonados por suas profissões, sentimento esse que os fazia resistir às discórdias. Quando comecei a acompanhar o cotidiano de algumas famílias, as palavras de seu Antonino (epígrafe desta sessão) introduziram novos significados às minhas representações. Não é muito difícil atribuímos à relação com os animais de produção um julgamento desigual, na qual os humanos exercem total senhorio, pois são eles que têm autoridade sobre seus corpos e vida, transformando-lhes em matéria-prima ou alimentos. Vimos com Foucault (1990) que o pastor exerce plenos poderes sobre cada ovelha de seu rebanho, pois ele se relaciona individualmente com cada qual, o que lhe permite conhecer suas necessidades, controlar seus desejos e suas vontades. Uma dominação que não se faz, necessariamente pela força, mas pela submissão de sua vontade pessoal. Mas como averigui, os animais não humanos ao serem subjugados numa relação com seu pastor podem opor-se ao mesmo tipo de relação com outros pastores. Não obstante, caberia nos indagarmos se estes engajamentos e configurações particulares do agricultor com estes animais não humanos tornar-se-ia constructos da personalidade e identidade destes humanos?

Ingold (2000) avista no pastoralismo uma relação autoritária humana sobre o destino dos animais não havendo espaço para reciprocidades, como ocorre entre a caça e o caçador. O pastor é quem decide sobre a vida e morte, agindo como protetor, guardião e carrasco. Uma relação fundamentada no princípio da dominação, em oposição a confiança, aspecto central entre caça e caçador.

It is quite otherwise with pastoralists. Like hunters, they depend on animals, and their relationship with these animals may similarly be characterised by a quality of attentive, and at times even benevolent regard. Herdsmen do indeed care for their animals, but it is care of a quite different kind from that extended by hunters. For one thing, the animals are presumed

to lack the capacity to reciprocate. In the world of the hunter, animals, too, are supposed to care, to the extent of laying down their lives for humans by allowing themselves to be taken. They retain, however, full control over their own destiny. Under pastoralism, that control has been relinquished to humans. It is the herdsman who takes life-or-death decisions concerning what are now 'his' animals, and who controls every other aspect of their welfare, acting as he does as both protector, guardian and executioner. He sacrifices them; they do not sacrifice themselves to him (Ingold 1986a: 272–3). They are cared for, but they are not themselves empowered to care. Like dependants in the household of a patriarch, their status is that of jural minors, subject to the authority of their human master (Ingold 1980: 96). In short, the relationship of pastoral care, quite unlike that of the hunter towards animals, is founded on a principle not of trust but of domination. (INGOLD: 2000, p.72).

A soberania ocorreria pela imposição da vontade do pastor através da força ou por formas mais sutis de manipulação. A técnica aparece como um desses meios de dominação usada com o objetivo de restringir ou induzir o movimento dos animais. Nessa acepção, questiona o autor, se o conceito de domesticação – conotações de domínio e controle - descreveria a relação do pastoralismo com os animais do rebanho.

The instruments of herding, quite unlike those of hunting, are of control rather than revelation: they include the whip, spur, harness and hobble, all of them designed either to restrict or to induce movement through the infliction of physical force, and sometimes acute pain (...) could we conclude, then, that while the concept of wildness is clearly inapplicable to describe the hunter's perception of animals with whom he enjoys a relation of trust and familiarity, the opposite concept of domestication – with its connotations of mastery and control – is perfectly apt to describe the pastoralist's relation with the animals in his herd? (INGOLD: 2000, p.73).

Em conformidade com Ingold, se na sociedade antiga havia um paralelo entre a dominação e controle dos escravos com os rebanhos pastorais, no pensamento moderno ocidental estas associações manifestam-se excêntricas, principalmente pela dicotomia entre humanidade e natureza. Na opinião de Marx as relações de dominação humanas não poderiam ser equiparados entre humanos e animais domésticos, uma vez que estes últimos não dispunham de intencionalidade.

Esta alegação, na leitura de Ingold (2000), estaria respaldada em duas premissas. A primeira, no auto-controle exercido sobre sujeitos-pessoas, e a segunda no comando mecânico exercido sobre objetos-coisas. Portanto, sociedade e natureza apareciam situadas em polos opostos, o que ele discorda. O valor dos animais a meros objetos, afloraria em sua opinião, somente com a indústria agropastoril, uma relação de sujeição que muito se contrapõe ao pastoral tradicional.

But I have also shown that the emergence of pastoralism does not depend, as orthodox definitions of domestication imply, upon humans' achieving a state of being that takes them above and beyond the world in which all other creatures live. Thus the transition from trust to domination is not to be understood as a movement from engagement to disengagement, from a situation where humans and animals are co-participants in the same world to one in which they hive off into their own separate worlds of society and nature. Quite to the contrary, the transition involves a change in the terms of engagement. Whether the regime be one of hunting or of pastoralism, humans and animals relate to one another not in mind or body alone but as undivided centers of intention and action, as whole beings. Only with the advent of industrial livestock management have animals been reduced, in practice and not just in theory, to the mere 'objects' that theorists of the Western tradition (who, barring the occasional pet, had little or no contact with animals in the course of their working lives) had always supposed them to be (Tapper 1988: 52–7). Indeed this objectification of animals, having reached its peak in the agropastoral industry, is as far removed from the relations of domination entailed in traditional pastoral care as it is from the relations of trust entailed in hunting. (INGOLD: 2000, p. 73)

Deste modo, o pastoralismo para Foucault (1990) e para Ingold (2000) representam uma figura de dominação. Para o primeiro, partindo-se da metáfora do pastor, põe-se em evidência a dimensão individualizante como elemento que garante o poder de controlar as próprias vontades das ovelhas, de modo eficaz e permanente. Para o segundo, explorando na prática a profissão e a relação entre os animais e o criador, a domesticação aparece como modo de controle equiparado ao modelo de escravidão, pois os animais estão asujeitados a vontade dos seus criadores, são eles quem decidem sobre a sua vida ou morte, dispondo de equipamentos para induzir ou inibir suas ações. Contudo, a dominação não demarcaria um dualismo (sociedade/natureza).

Ainda segundo Ingold (1995) a separação entre animalidade humana e vida animal é algo que foi difundido pelo pensamento ocidental, assentado num paradoxo que os seres humanos são animais, mas a definição de humanidade estaria assentada em atributos aversos

a animalidade. Esta composição permitiria a busca por uma singularidade da espécie humana, ausente nos demais animais. Este posicionamento é criticado por um grupo de estudiosos chamados gradualistas, segundo os quais as diferenças não estariam fundamentadas no pertencimento a categoria homem sapiens, mas em grau, numa escala contínua. Conforme Ingold, se por um lado, essa visão faz desmoronar o etnocentrismo, por outro, assenta-se no antropocentrismo, pois postula uma escala universal de progresso, posicionando homens e animais em posição de “mais” ou “menos” proximidade a um status de “humanidade”. Segundo o autor, ainda que dotada de equívocos, essa leitura parece ser o melhor caminho indicado para opor-se à condição de tudo ou nada imposto pela humanidade. Nesta escala a humanidade e os atributos que a ela são concebidos - linguagem, consciência, intelecto - não são concernentes apenas aos humanos, mas atribuído em gradações diferenciadas entre homens e animais.

Foi esta aproximação com a abordagem gradualista que levou Ingold (2011) a pensar os engajamentos das pessoas com o meio a partir de uma percepção sensorial produzida através do movimento no ambiente. Esta ação estaria inserida num conjunto de movimentos simultâneos, dentro e fora do corpo. Com tal característica, qualquer tarefa, inclusive, uma atividade técnica, estaria inserida numa "rede de movimentos" dos seres vivos (animal ou humano).

As Leroi-Gourhan clearly recognized, technical activity is conducted not against a static background but in a world whose manifold constituents undergo their own particular cycles. By way of perception, the practitioner's rhythmic gestures are attuned to the multiple rhythms of the environment. Thus any task, itself a movement, unfolds within the 'network of movements' in which the existence of every living being, animal or human, is suspended (INGOLD: 2011, p.60).

Não se trataria, portanto, apenas de uma habilidade automática, mas a sujeição do ritmo às constantes mudanças nos movimentos. A percepção de pessoas e animais seria produzidas através do movimento e da interação destes com o mundo. As técnicas em conformidade com Leroi-Gourhan (1964) seriam de natureza humana, um componente que marca a existência do homem em sociedade e, por meio delas, a constituição do humano se daria a partir da relação com estes outros elementos que compõe suas atividades.

Seguindo o pensamento de Leroi-Gourhan e Ingold considero que no processo técnico não coexiste um mundo social separado da natureza, mas nele, o agricultor se constrói a partir de suas interações com os artefatos e animais não humanos em sua cadeia operatória. O próprio conceito de sociedade, como defende Barth (2000), não pode ser concebido como desvinculado do meio ambiente. Não basta pensar, a primeira como afetando ou adaptando-se a ele, pois “(...) as decisões sociais tomadas em todos os níveis estão conectadas a essas variáveis ecológicas e suas formas são significativamente afetadas por elas...” (BARTH: 2000, p. 170). Contudo, discordo que em meio a estas trocas de movimentos e interação rítmica todos os seres dispunha de mesma intensidade de ação e que, com isso, não sofram interferência em instâncias diferenciadas, ou seja, a partir de posicionamentos hierárquicos, como Ingold compreendia inicialmente a domesticação.

Mura (2011) constrói sua argumentação teórica, assim como Ingold, tentando promover uma superação da contraposição ontológica entre natureza e cultura e os binarismos que são derivadas a partir dela. Seguindo a ótica processual com enfoque na abordagem Ingoldiana no movimento e ação, o autor percebe a ausência nestes entrecruzamentos de forças vitais, de relações de poder e seus consequentes efeitos. Fundamentando sua crítica, a partir da definição de cultura de Barth, que se aproxima com as propriedades das coisas (difundidas por Ingold), mas ao mesmo tempo se distancia, quando leva em consideração que esses fluxos são organizado pelas propriedades do social, acarretando em distribuição de formas desiguais pelos indivíduos, e com isso, as cosmologias elaboradas e implementadas por indivíduos especializados é o que definirá as modalidades de sua propagação. A partir de uma definição de elementos e a posição que estes ocupam no jogo de relações e interações, Mura argumenta que dependendo da situação, cada sujeito pode ser objeto da ação ou sujeito da ação: “as ações movidas não são necessariamente simétricas, podendo implicar em diferenciais de forças, definindo hierarquias de ação. É nesse caso que as propriedades do social tornam-se determinantes” (p. 229).

Nas áreas rurais de Remígio, Usina Santa Helena e Piancó, entre as dificuldades dos agricultores, aparece comportar os animais em espaços fechados, o que torna bastante comum

que estes pulem as cercas⁷, rasguem as telas, passem por debaixo do arame ou penetrem territórios alheios, o que poderá acarretar na destruição do roçado, na desapareição de galinhas e conseqüentemente, transtornos e desentendimentos entre os humanos.

Entre estas “fugidinhas”, a desconfiança que o “sumido” foi comido pode afetar a relação entre as famílias. Quando a galinha de seu Zé desapareceu, este perguntou à vizinha Lila, se a havia avistado. Até esse instante, nada parecia estremecer o relacionamento das duas famílias, até que seu Zé manifestou sua desconfiança e irritação quando se excedeu na bebida, acusando-a de ter comido o animal. Mesmo a galinha sido encontrada nas próprias terras de seu Zé, tal ocorrido estremeceu as relações dos vizinhos. Dona Lila, que antes criava as galinhas soltas e permitia que elas ficassem na casa do vizinho, fez um galinheiro telado e procurou “impedir” que esses animais circulassem fora do ambiente da família.

Assim, a tela é, sem dúvida, um instrumento de controle, não obstante alguns deles rasgassem o material com o bico, ciscassem a terra fazendo buracos, e assim, conseguissem passar para o outro lado. No contexto da própria família, a criação de animais, também impulsionava “desentendimentos”. Na circulação livre das galinhas entre os quintais da casa e a roça (a depender da proximidade) todo o cultivo pode ser comprometido, não vindo a germinar ou ser comido antes do período de colheita. Como a mulher é dona do criatório e o marido responsável pelo roçado (mesmo que a sementeira fosse feita por todos os membros do núcleo doméstico) tem-se dificuldade em estabelecer um consenso para solucionar o problema, vender todas as galinhas ou outro modo de impedir que elas se aproximassem das plantas. Essa questão tornou-se o ponto de debate na construção de uma política pública, os Fundos Rotativos Solidários, em áreas rurais de Remígio, desembocando na liberação de materiais para construir um galinheiro⁸.

⁷ Certo dia, quando conversava com alguns agricultores, um deles diz - “ovelha é bicho nojento de criar, pula até sete cercas”. Ele havia construído em sua propriedade sete cercas para evitar que suas ovelhas saíssem daquele espaço, mas não obteve êxito, pois esses animais são muito ágeis. Em outra localidade, uma senhora me contou que há pouco tempo tinha vendido grande parte do rebanho, pois “dar muito trabalho”, elas vão para muito longe.

⁸ Cf. Nascimento 2013

O amansamento cuja finalidade é disciplinamento dos corpos, ocorre em meio a um jogo de forças, antes, de redundar numa relação de proximidade. A narrativa de seu Júlio permite-nos colocar em evidência tais características.

(...) meu pai foi amansador de burro. Tem que ter carinho para ele ficar adomado. Se você não tiver carinho para ele se adomar, ele fica bravo; é que nem uma vaca; você vai amansar uma novilha que deu a primeira cria; você tem que estorvar ela no murão; piar as pernas, passando a mão nela; quando ela der coice, você, uma peinha nas pernas; quando pensa que não, tá adomada; aí, vai tirar o leite; ela dando coice, você agarra no peito; se soltar o peito, ela fica com costume, não deixa tirar o leite. Eu amansei uma agora, ela não dar coice, bem mansinha a vaca; piei, não deu coice; se chegar outra pessoa que é estranha, ela dar um coice ... (Júlio, 2015)

Boi ou jumento são amansados para lavrar a terra. Inicialmente se amarra uma corda ou corrente a canga – objeto feito de madeira, colocado sobre o pescoço (do boi) e costas (do jumento) - podendo ser usada para puxar carroças, arado ou cultivador (cf. figura 6).

A imagem (seguinte) foi obtida em uma de minhas visitas a campo, assentamento Doroty/Remígio, residência de dona Antonieta. Neste dia, um dos seus filhos estava “ensinando” Fumo Preto, a jumenta, a arar a terra. Dizia-me que Fumo Preto era esperta. Fazia apenas três dias que estava cortando terra, por isso precisava de um guia (alguém que fosse à frente da jumenta e segurasse uma corda para que mantivesse sempre na mesma direção, seguindo uma reta). Quando ela se “acostumasse” seria necessário uma única pessoa, a que fica atrás segurando o cultivador ou arado.

Figura 6 – Preparo da terra para plantação agrícola, Assentamento Dorothy, 2015.



Foto: Joelma Batista

Dona Antonieta e seu filho descreveram situações de irritação de Fumo Preto com os equipamentos, especialmente, quando o movimento do cultivador era aterrado. Por isso, as pessoas que se aventurassem neste tipo de interação careceriam de força física para auxiliar os animais não humanos em instantes específicos. Sua descrição me leva a crer que era determinante adaptar seus próprios movimentos aos do animal e às ferramentas, ajudando-o a inserir o cultivador na terra e a puxá-lo. Também deveria ser capaz de sentir quando o animal se irritava e quando tinha dificuldades de impulsionar o cultivador. Dessa forma é preciso que o agricultor, as ferramentas utilizadas e os animais, todos conjuntamente, estejam em sintonia através de performances, para que a atividade seja bem sucedida, o que explica a conotação “ensinar”, uma troca e compartilhamentos de ações e movimentos em sintonia.

A agressividade e incompatibilidade de convivência, tal-qualmente, atestam no processo domesticatório a coexistência de uma relação deliberada pelos comportamentos e permissividades. Quando essa interação é movida por apenas um desses integrantes, seja pela força ou em rejeição a presença do outro, a comercialização é inevitável. Uma senhora me

descreveu que negociou um jumentinho que gostava muito, infelizmente não tinha como evitar, ele já havia mordido um rapaz que foi parar no hospital com os ferimentos. O jumento estava ameaçando outras pessoas, “mordeu o rapaz, tive que vender o animal, pois ficamos com medo, o jumento era bravo”, ela o trocou por dois barris para transportar água. Outro ocupou o lugar do antigo e suas atividades carregando lenha e água para beber.

Enfim, no capítulo seguinte, exploraremos de modo mais minucioso, a dimensão do afeto nas relações individuais e a partir da posição ocupada pelos membros em sua unidade doméstica e de que modo cada uma dessas configurações impulsiona as relações humanas e não humanas numa escala hierárquica.

CAPÍTULO II

TÉCNICAS, PESSOALIDADES E SENTIMENTOS: FATORES ESTRUTURANTES NA RELAÇÃO HUMANOS E NÃO HUMANOS

No capítulo anterior, apresentei o processo de criação colocando em evidência as relações humanas e não humanas enquanto interação entre sujeitos em oposição à uniformidade destes a partir de suas espécies. Isto seria possível, em parte, devido as relações individualizantes entre eles, imersa numa extensão de afeto e exercício de poder. Busquei evidenciar como os processos técnicos se configuram em movimentos rítmicos dissipados por todos os seres em contato. O afeto aparece como um elo indispensável para construir tais relações. Nessa primeira parte do capítulo darei continuidade a reflexão sobre as interações técnicas enquanto um campo relacional em que se cruzam componentes afetivos e aspectos morais, complexificando quando analisadas a partir de qual posicionamento se ocupa na unidade doméstica e a experiência de cada indivíduo, adquirida a partir de suas vivências.

Seguindo Barth (2000), os contextos ecológico e social pertencem a uma mesma dimensão, na qual, conforme Ingold (2012), o humano e todos os elementos com os quais ele interage, configuram-se através de fluxos em movimento. Mas, isto não implica dizer, que as relações humanas/humanas e humanas/não humanas estejam isentas de hierarquias, muito pelo contrário. Como já bem pontuou Elias (2008), o poder é um elemento estrutural das relações humanas. As hierarquias podem ser observadas na ação dos sujeitos em configuração (MURA, 2011). A confiança é fundamental numa relação de dominação, estando muitas vezes associada ao coeficiente emocional.

Para Elias (2008) o poder se expande a todas as relações humanas e portanto, é possível observá-lo a partir das configurações de interdependências que se formam através de cada relação constituída. Nela, as ações e experiências se interpenetram formando um tipo de configuração. Assim, o poder tem um caráter relacional e ao mesmo tempo processual. Os movimentos dos sujeitos são compreendidos e explicados em termos da dinâmica imanente na sua interdependência, não cabendo estudar as ações isoladamente, mas em interação, o

que possibilita perceber as alterações e mudanças nas relações quando a distribuição de poder muda. Este é o percurso adotado aqui. Não construir um modelo padrão para definir o “humano” e o “animal”, mas seguir os movimentos de cada relação e interação entre o criador com cada um de seus animais não humano.

Eu proponho ainda ampliar a argumentação de Elias (2008) incorporando ao poder um elemento estrutural não apenas das relações humanas, mas também entre humanos e não humanos. Se, até o momento, nós temos argumentado em torno da dimensão do poder através do tipo de interação que o pastoralismo possibilita, a partir desse instante, gostaria de integrar a dimensão afetiva às relações técnicas. Assim como Porcher (2002), pretendo pontuar que o aspecto primordial e que pouco tem sido levado em consideração nas análises antropológicas com os animais de criação é o campo afetivo.

2.1 - Sistema doméscatório no interior da paraíba?

Como vimos, pensando em descrever os estatutos dos animais, Digard (2006) constrói sua análise com base em um sistema doméscatório. Partindo-se do princípio de uso dos animais (comer ou não) num contexto sociocultural particular, essas relações variam de acordo com as técnicas, representações, crenças e sentimentos avessos. A utilização e o tipo de tratamento dado a cada espécie poderia ser descrito através de um modelo hierárquico em três instâncias: animais de companhia, animais da fauna selvagem e animais de rendimento.

Na visão do autor, os ocidentais modernos dão maior visibilidade aos animais de companhia. Eles são interditados ao consumo e tratados quase como as próprias crianças. Em meu entendimento este tipo de representação conduziria a fixar padrões de relações a partir do pertencimento a cada uma das categorias por ele esboçada, relacionando companheirismo à ausência de uso, selvagem a distanciamento entre animais humanos e não humanos e propriedade e consumo à objetivação. Assim, o consumo por dispor de aspectos utilitários impossibilitaria uma proximidade, inversamente, a inexistência dele associado à propriedade assentaria em laços de afinidade.

Sigaut (1988) acredita que o conceito de domesticação tem sido alvo de alguns mal entendidos por manter a propriedade do animal, sua familiaridade com os seres humanos e

seu uso continuamente correlacionados. A propriedade, em sua percepção, não implicaria automaticamente em domá-lo ou usá-lo. Esta apropriação poderia se dar sem uso e nos próprios casos em que ele é fonte da produção material também seria praticável relações de familiaridade com seus donos.

A selvageria não seria definida por inexistência de propriedade, como se vê no caso da caça. Em algumas localidades na Europa Ocidental entre os séculos XVI e XVII somente o rei tinha direito de caçar, qualquer outro caçador praticando a caça furtivamente corria o risco de ser enforcado. A Inglaterra Medieval retrata a floresta em que somente o rei exerceria alguns direitos, como a caça, assinalando a posse de animais selvagens, fundamentalmente, nos prazeres que ela desperta, na contemplação da natureza e numa variedade de uso animal que não excluiria uma intimidade com os seres humanos. Assim a própria noção de selvageria e domesticação nutriria limites. Outros exemplos que colocariam essas questões em evidência são os casos em que os animais selvagens tornam-se espetáculo buscando-se preservar uma selvageria (podendo ser ocasionada artificialmente). Em outras situações o uso aparece como condição imprescindível, como na interação com gatos selvagens. Para que eles cacem ratos e camundongos seria necessário dar-lhes um pouco de comida, mas não a ponto de consentir uma familiaridade com a casa, pois já não caçaria.

Com os animais de fazenda (bois e vacas, ovelhas, porcos, etc.) incontestavelmente domesticados. Para muitos agricultores é impossível não manter relações amistosas, principalmente quando são filhotes, o que pode ser exemplificado pela manutenção de um vínculo emocional quando se tornam adultos e são comercializados ou abatidos, demonstrando que familiarização e uso podem ser elementos desagregados. Nessa perspectiva, a domesticação seria uma dimensão empírica, pois apenas refletiria uma realidade aparente, confundindo a propriedade do animal pelo homem, a familiarização recíproca e o uso dos animais pelo homem. Apesar de não haver uma total independência desses três planos, seria possível demonstrar a projeção e ineficiência de um conceito de domesticação artificial em que o animal precisa estar familiarizado com o homem e ser fonte de uso. Familiarização e utilização não são adicionalmente interligados com propriedade, apesar da familiaridade excessiva se tornar uma fonte de dificuldades na sua utilização.

Assim como Sigaut (1988) desenvolverei minha argumentação concebendo a domesticação como o plano empírico em que as relações não se definem a partir de um modelo que agrega propriedade, familiaridade e uso. Essas características se interligam no sistema domesticatório proposto por Digard (2006), acredito que estes atributos são insuficientes para definir o estatuto de um animal, tendo em vista que as classificações e representações não estão atreladas apenas ao uso ou ao contexto histórico, como se esses elementos, obrigatoriamente, determinassem qualquer interação. Penso que classificações e distinções só podem ser compreendidas, como vimos nos capítulos anteriores, se pensadas interligadas ao campo relacional. As relações podem ser pensadas como operando em dois níveis. O primeiro é aquele protagonizado pelo criador e a espécie ou com o rebanho, e um segundo, particularmente mais relevante para este estudo, entre criador e cada um de seus animais não humanos. Não se trata, portanto, de uma linha divisória, como proposto na noção de sistema, opondo de um lado as relações humanas por representação, e em outro, as relações técnicas com os animais, mas de uma interação em movimento, como sugere Ingold (2011).

Concordo com Digard (2006) que os animais de rendimento em nossa sociedade não tem o mesmo estatuto que os demais, mas a partir de alguns dados etnográficos, a partir do qual fundamento minhas interpretações, sugiro que muitas das fronteiras impostas por nós, com base nesse modelo e sua classificação são arbitrários, pois privilegiam apenas o campo representacional e desconsidera o campo relacional e configuracional. Acompanhando Porcher (2002) é possível apontar a coexistência de uma dimensão afetiva com os animais de criação. Para ele seria essa afetividade que permitiria estabelecer relações de comunicação, onde os corpos e sentidos passam a ocupar papéis preponderantes. Nas representações produzidas pelos criadores, eles teriam um sexto sentido - adquirido por suas experiências de manejo – e através dele captariam signos e sinais ecoados pelos animais. A comunicação soaria como uma característica de reciprocidade, um dos prazeres da profissão, em oposição à morte e as doenças. Graças a ela, criadores e animais se reconhecem, permitindo ao criador trabalhar calmamente e sem violência.

Em meu campo também coexiste uma dimensão de companheirismo e reciprocidades entre os criadores e sua criação, mas ao contrário de Porcher (2002) não as percebo como

instauradoras de relações simétricas. De fato, o afeto aparece nas representações de meus interlocutores como algo que permitiria ler os movimentos dos corpos – o olhar, a entonação vocálica, os sentimentos - e isto seria derivado do convívio. A meiguice e mansidão motivaria uma relação de maior afinidade, consequentemente de maior correlação, o que implicaria como contemplamos no capítulo anterior numa escala hierárquica valorativa afetiva.

2.2 Integração do campo emocional as técnicas

Para Haudricourt (1962) com a domesticação dos animais e o cultivo das plantas, uma mudança nas relações entre homem e natureza e os próprios humanos é instaurada.

“(…) [hommes] assiste, il protège, il coexiste longuement avec les espèces qu'il a « domestiquées ». De nouveaux rapports se sont établis, d'un type « amical », et qui ne sont pas sans rappeler ceux que les hommes entretiennent entre eux à l'intérieur d'un groupe ...” (HAUDRICOURT, 1962, p. 40).

Para o autor haveria se instaurado dois tipos de relações, uma de caráter amistosa, e outra, de dominação. A primeira, descrita como “ação indireta negativa”, estaria centralizada na cultura oriental. Uma de suas características fundamentais seria a inexistência de contato no espaço ou no tempo com o ser domesticado, como é o caso do inhame cultivado pelos melanésios da Nova Caledônia.

A segunda, intitulada “ação direta positiva”, caberia à sociedade ocidental. Nela, há um contato diário com o ser domesticado, como é o caso da criação de ovelha na região mediterrânea. Este tipo de interação produziria uma proximidade entre os seres, o que acabaria por contribuir para um exercício de poder, argumentação muito semelhante a metáfora do pastor, delineada por Foucault (1990).

Haudricourt (1962) constrói sua análise através de dois modelos em oposição. No primeiro, as relações “amigáveis” seriam sustentadas através do distanciamento. Já, no segundo, a proximidade permitiria uma relação de dominação. Contudo, estas oposições não estariam necessariamente vinculadas a plantas cultivadas e animal doméstico, mas às

representações da horticultura ao homem oriental e o pastoralismo à civilização ocidental e as técnicas de navegação.

Les techniques de navigation, et spécialement les techniques de navigation à rame qui se sont développées en Méditerranée antique ont joué un rôle certain, dans l'évolution des rapports humains. Le rapport de celui qui dirige le navire à ceux qui rament, est analogue à celui du pasteur à ses chiens et à ses moutons. Ce n'est pas par hasard que « gouverner » est emprunté au vocabulaire nautique.

D'autre part, le développement de la navigation suscite celui du commerce, de la production marchande et donc de l'esclavage, à la fois quantitativement (augmentation du nombre des esclaves grâce aux guerres maritimes et à la piraterie) et qualitativement : utilisation des esclaves dans la production marchande des objets.

Ceci explique que seule l'antiquité gréco-latine ait connu pleinement le stade esclavagiste, c'est-à-dire un état social où ce mode de production ait été prépondérant. Tous ces facteurs s'ajoutaient pour imposer en Occident une mentalité de « gouvernant », si l'on peut ainsi parler. Xénophon, Columelle, Pline expliquent comment le maître doit planifier, commander avec précision le travail de l'esclave (HAUDRICOURT: 1962, p. 46).

Deste modo, as técnicas seriam responsáveis por mudanças nas relações com o princípio da dominação. O ato de governar e o regime de escravidão teriam sido fundamentados a partir delas, teriam uma conexão e estariam associadas ao mesmo princípio de dominação do pastor com as ovelhas. Assim, os instrumentos técnicos aparecem atrelados a uma relação de proximidade e dominação em oposição as relações amistosas que são sustentadas a partir de um distanciamento.

Em primeiro lugar, gostaria de realçar que a maneira como o autor constrói esses dois modelos acaba por incorrer num modo caricatural para descrever as relações com as plantas e os animais no contexto oriental e ocidental, como se essas sociedades fossem homogêneas, partindo do princípio que a coletividade representaria o pensamento de todos os indivíduos que as compõe.

A crítica se aproxima ao que Renato Rosaldo (2000) descreveu como algumas limitações e problemas suscitados com a definição de cultura, tomadas como agregado de elementos harmoniosos, homogêneos internamente e inalteráveis, pois descrevem as formas de vida como totalidades através da representação de outras culturas como um todo.

Colocamos, aqui em evidência, o posicionamento de Rosaldo (2000) através de uma anedota sobre a relação de anglos americanos com cães e ilongotes com leitões. No primeiro caso, cães teriam um estatuto e tratamento semelhante aos filhos, sendo tratados com paciência, indulgência e amor. Já entre os ilongotes do norte de Luzón, os cães seriam bem alimentados, não por serem considerados como mascotes, mas pela sua utilidade na caça. Por outro lado, a relação que a palavra mascote pressupõe se aplicaria as relações dos Ilongotes com seus leitões e as plantas da casa. Portanto, sua crítica é atribuída à uniformidade, à dimensão “sentimental” e “utilitária”. Como testemunhamos, essas dimensões podem ganhar novos significados a partir de seus contextos. Gostaria ainda de conjecturar que não se trata apenas de pensar estas duas dimensões a partir de suas culturas, mas da possibilidade de coexistência destes dois elementos em uma única dimensão. Outra postura, em meu ponto de vista, é que Rosaldo (2000) acaba por incorrer em erro semelhante pois cria, assim como HaudreCourt (1962), um padrão cultural das sociedades como se fossem homogêneas, sem levar em consideração as personalidades e experiências de cada indivíduo.

O trabalho de Porcher (2002) pode nos auxiliar em nossa arguição. Ao descrever as mudanças ocasionadas pelo processo de industrialização na França, com o advento da zootecnia, responsável por alterações nas representações dos criadores, o conteúdo técnico não sucumbiria à dimensão afetiva, mas coexistiria junto à dimensão utilitária, enquanto elementos de interdependência.

(...) Les représentations actuelles des éleveurs, en lien avec l'évolution de la société, sont en grande partie le résultat d'un siècle et demi de formation, par les chercheurs, les agronomes et les techniciens, eux-mêmes formés dans ce sens, à des pratiques orientées essentiellement vers la recherche de productivité, notamment du travail. Ces représentations se heurtent aujourd'hui chez de nombreux éleveurs à celles qui restent liées à l'affectivité et à l'instauration d'un rapport amical avec les animaux.

Les représentations de soi en tant qu'éleveur sont en grande partie co-construites par le statut accordé à l'animal et par le système de production (...) Elles dépendent également chez de nombreux éleveurs de la qualité de la relation entretenue avec les animaux... (Porcher: 2002, pp.14-15).

Os fatores históricos muitas vezes associado ao conteúdo técnico (processo industrial, mecanização na agricultura e capitalismo industrial) seriam na visão do autor, elementos que consagram uma mudança radical no relacionamento dos homens com a natureza e com o animal e, portanto, as relações entre homem-animal-natureza passam por profundas modificações.

Antes dos processos de produções animais, os relatos da vida do agricultor atestavam uma longa companhia com os animais, inclusive, como parceiros de trabalho, pois partilhavam habitação, espaço, alimentação, fazendo parte da vida familiar. Aos camponeses, era atribuído a característica de acalmar a insatisfação dos animais e de seduzi-los, ao longo de suas tarefas. A agricultura e a criação eram atividades que estavam inseridas num sistema de policultura para atender às próprias necessidades, a alimentação dos animais e das pessoas que possuía essencialmente seus meios de produção.

Todavia, a partir da metade do século XX, com a emergência de uma agricultura produtivista, inscrita dentro das mudanças comerciais e financeiras de uma nação, as mentalidades e o relacionamento dos agricultores com a natureza sofre algumas alterações. A Inglaterra do século XVIII, mais tarde a França e os Estados Unidos da América no século XIX, em nome do progresso e da ciência, instauram com o animal de criação um relacionamento unilateral em que o único objetivo é o lucro. Ao mesmo tempo evoluem e se racionalizam os sistemas de criação. A zootecnia surge como uma ciência voltada para a exploração racional dos animais doméstico, num processo industrial especializado e rentável.

A partir daí, as representações do animal, de seu bem-estar, da relação com ele, da profissão de criador, passam a ser vinculadas e construídas em função do sistema de produção, em grande parte, resultante, de um século e meio de formação de pesquisadores, agrônomos e técnicos. Contudo, muitos criadores permanecem vinculados ao registro da afetividade e a instauração de um relacionamento amigável com os animais. Portanto, a afetividade não se diluiu com a zootecnia; ela continuava a ser um elemento constituinte da profissão de criador. Neste sentido, não podemos considerar as técnicas, simplesmente enquanto componentes que permitem proximidade do homem do ser domesticado para dominá-lo, eliminando a possibilidade de relações amigáveis.

Deturche (2012) ao pesquisar um grupo de criadores de vacas na França, demonstra como as novas técnicas, nos domínios da inseminação e da seleção genética provocaram mudanças nos métodos de criação, na organização sociopolítica dos criadores e em suas representações em torno dos animais. Contudo, ele observou também uma maior interação do criador com algumas vacas do rebanho, surgindo uma relação afetiva.

Para falar sobre este tipo de interação em minha pesquisa, gostaria de iniciar descrevendo uma de minhas conversas com dona Marieta. Fui visitá-la porque ouvi através de Flor que uma mulher chegara ao sindicato rural de Remígio chorando porque sua ovelha havia falecido. Eu queria conversar pessoalmente com dona Marieta, e assim, o fiz. Chegando a sua casa fui muito bem recebida. Ela apresentou-me sua habitação, que dispunha de apenas um cômodo e uma cozinha. Era bem pequena, feita de barro. Lá residiam, seus dois filhos, uma neta, seu marido e sua mãe. Quando cheguei só estavam as mulheres. Sentamos no quintal, e eu pedi, para que me contasse sobre Pretinha. Suas palavras foram poucas, mas inundadas em lágrimas, que se explicavam pelo sentimento de saudade. Disse-me que quando se foi, pediu aos filhos para cavar – há poucos metros da residência – um túmulo. Levou flores e rezou para que pudesse ter outro animal igual a ela. Em vida, elas eram inseparáveis, em sua descrição, “era como uma filha”. Pretinha a acompanhava onde fosse. Tomava caldo de feijão, tinha acesso à parte interna da casa, entrava e saía livremente e ganhou uma casinha, construída, especialmente, para ela. Estava bastante clara a dimensão emocional através de suas lágrimas, e principalmente, quando em poucos minutos de minha saída, avisto de longe os filhos reclamando por alguém (no caso, eu) ter falado sobre Pretinha, o que motivou uma profunda alteração no comportamento de sua mãe.

Narrativas como essa, em que os sentimentos de afeto se misturam às lembranças e representações foram bastante comuns em campo. Ainda em Remígio, mas em outro sítio (Camará), dona Pooh e seu marido, João, acabavam sempre trazendo esse elemento em nossas conversas.

Vou começar pela sua vaquinha. Certo dia, seu João estava cortando palma, para alimentar os animais. Em algum desses rápidos movimentos o corte da foice feriu a mão. O resultado foi corte profundo, cabendo quatro pontos e uma suspensão das atividades por pelo

menos quinze dias. Sua esposa, dona Pooh, passou a desempenhar além de suas atividades, a do marido, incluindo aí a ordenha. Mas, no dia de sábado, ela costumava trabalhar na feira livre, vendendo os produtos agrícolas cultivados pela família. Nestes termos, não podia “extrair o leite”, pois, saía de casa muito cedo. Decidiram então, pedir ao vizinho para ajudá-los, atividade a qual ele se prontificou em colaborar. Naquele dia, o rendimento caiu e o leite azedou. Para o casal, a explicação é simples: a vaca reconheceu (pelo cheiro e toque) que não era de seu João, então, como um ato de rejeição diminui (intencionalmente) e deu leite ruim, por isso, azedou. Nos, demais dias, dona Pooh desenvolveu esta tarefa, mas nunca conseguiu a mesma proporção de leite que seu marido. Seu João, em sua juventude, também manteve um criatório de galinhas, mas lembra apenas do seu galo Amoroso. Ele sentia um profundo respeito e carinho por Amoroso, pois admirava a maneira como ele cuidava dos seus pintinhos, “nunca viu alguém mais carinhoso”. Não permitia que nenhum outro animal se aproximasse e maltratasse seus filhotes. Amoroso era o único animal que ele não teve vontade de vender ou comer. Morreu em disputa com outro galo.

Na minha percepção, a partir da convivência com seu João e Pooh, a amorosidade era um atributo bastante prezado por eles, principalmente com os filhos. A afeição com o galo carinhoso, se devia, em partes, à representação que seu João tinha das características de um pai de família. Foi assim que ele descreveu os cuidados do galo com os pintinhos, e a maneira como eles se relacionavam com seus filhos.

2.3 O aspecto emocional está atrelado as experiência de vida individuais e a posição dos sujeitos na unidade doméstica

Espero ter permitido ao leitor compreender, a partir do item anterior, que a dimensão afetiva, tão quanto os meios técnicos, é um componente da profissão dos criadores. Mas, ela também é constituída e se reflete de modo distinto a partir das experiências de vida dos agricultores e da posição que ele ocupa em seu grupo doméstico. A noção de grupo doméstico é tomada aqui de Wilk (1997), para quem este é um elemento central envolvendo não exclusivamente relações de coresidência, mas principalmente a organização social do grupo para produção e distribuição com base nas relações de parentesco.

O autor pontua dois tipos de grupos doméstico. No primeiro a partir de uma única habitação (“*dwelling unit*”) forma-se um núcleo familiar independente que pode, às vezes, ser estendido para incluir crianças adotadas e enteados, pais viúvos e o núcleo familiar de um filho casado. Seus membros cooperam e compartilham refeições, deveres de guarda de crianças e a divisão das tarefas voltados para a pecuária e manutenção habitacional. As relações de trabalho estão vinculadas a divisão por sexo, qualquer homem dentro de um grupo doméstico está à disposição do chefe de família do sexo masculino e o trabalho das mulheres é similarmente de controle das mulheres.

O segundo modelo de grupo doméstico refere-se a duas ou mais unidades habitacionais que formam aglomerados (“*cluster*”) onde arranjos para produção e consumo, são considerados mais complexos e variados. Eles se formam quando um casal se muda para fora de uma casa parental e habita numa residência próxima permanecendo uma continuidade de laços econômicos, obrigações e reciprocidade, mas dispondo de certa flexibilidade, já que apesar de haver o compartilhamento nas atividades de trabalho em comum, igualmente, são desempenhados trabalhos individuais, podendo se estender a outros tipos de atividades (como mão de obra assalariada), mas cuja finalidade é prover as necessidades dessas unidades domésticas. Este tipo seria a definição para o meu campo. O fator primordial estaria fundamentado nas relações de parentesco para organização social do grupo e sua manutenção. O trabalho não estaria exclusivamente voltado para as atividades agrícola e criatória, já que há uma flexibilidade de atividades profissionais, como por exemplo, o trabalho assalariado em outras áreas. Seriam estas distintas trajetórias, em meu entendimento, aliado a posição social que ocupa cada membro desta unidade doméstica que influiria no tipo de personalidade, e conseqüentemente, representações e interações com os animais.

Comecei a perceber estas diferenças quando ecoava nas falas de meus interlocutores representações a partir das interações com estes não humanos. Os mais idosos sempre me diziam que não imaginavam viver longe do campo, por mais que o manejo necessite de força e disposição, algo que vai se dissipando com a idade, não havia interesse em migrar para área urbana. Claro que isto tem implicações com lugar de pertencimento, as relações constituídas com o espaço, com as pessoas, mas igualmente, com os animais não humanos, pois, eles se tornam parte da vida dos agricultores.

"Se eu for morar na rua, acho que a gente morre de tristeza! ficar da cozinha para a porta da sala." (Dona Melita, 2013). Migrar para a cidade demarca mudanças no modo de viver, o que inclui também a convivência com os animais de criação, ficar da cozinha para porta da sala é romper a relação com o quintal, com a criação de galinhas, de gado, o leite fresquinho, com o som diário emitido por esses animais, o cheiro do curral, a atividade de alimentá-los, as conversas. Retirar essa paisagem e as suas respectivas vivências, soa em minha leitura, como destituí-los do que são, de como se veem.

Falo sobre os mais idosos, pois os jovens com os quais conversei e que já dispunham de experiências mais intensas com a zona urbana e desempenhavam atividades de trabalho em outras áreas, dispunham de um tempo mais curto para ajudar os pais no manejo com os animais. Isto não repercutia na relação com a família, mas com os animais sim de modo que eles não eram tão "apegados" como seus pais, e tampouco dispunham da mesma habilidade no manejo. Nenhuma delas manifestava vontade em migrar para a cidade; era no sítio, onde haviam nascido, se criado e criado aos filhos, naquele espaço onde eles haviam constituído a si mesmas e suas famílias. Os filhos conseguiriam se adaptar com mais facilidade na cidade, já para a geração de pais e avós seria muito mais doloroso, por uma razão simples: o manejo com os animais foi praticado por toda sua vida, eles chegam a dizer que não sabem fazer outra coisa, e como disse dona Melita eles morreriam de tristeza, pois foi-lhes tirado sua identidade, e com isso, destituído de si mesmo.

Isso ficou muito claro para mim quando eu conversava com dona Marieta sobre o falecimento de sua ovelha, Pretinha. Enquanto ela descrevia sua relação a partir de lágrimas, sua mãe deu algumas risadas e me disse – *quem já se viu, rezar para uma ovelha? Chamar de filha?*

Os filhos de dona Melita também consideravam o “amor” que a mãe tinha pela novilha como algo desprovido de sentido. Eles diziam, “*mãe tem uma besteira com essa novilha!*”. Apesar disto, acabavam por manter um relacionamento de “respeito”, “zelo” com ela. Sempre quando iam manejá-la, dona Melita observava de longe e quando percebia que o animal se agitava, gritava para os filhos terem paciência, era para esperar ela se acalmar e voltar de bom grado para o curral.

Dona Antonieta (quem sempre cuidava dos animais), já que o marido e seus filhos trabalhavam em outras localidades, disse-me que seus animais eram como filhos. Uma de suas filhas consanguínea, ao ouvir a nossa conversa, retrucou, - *eu mesma, não sou irmã de bicho não!*

Todas estas individualidades, distinções e posicionamentos podem ser melhor compreendidas sob a óptica das teorias de Barth (2000), Schwartz (1978) e Wolf (2003). Começamos pelo primeiro. Barth propõe considerar a sociedade como sistemas desordenados. Isto permitiria o acúmulo de experiências particulares a partir das diferentes posições que ocupam, lançando mão de diferentes esquemas de interpretação. Assim seria possível construir mundos diferentes, mesmo coabitando um mesmo espaço. As experiências pessoais seriam um elemento fundamental de conhecimento.

As experiências de vida na visão de Schwartz (1978) seriam responsáveis pelo desenvolvimento individual das personalidades de cada indivíduo.

If culture is not to be defined as a shared or common set of constructs held by all members of a society, how should it be delimited? We may begin by defining the 'personality' of each individual as the total set of implicit constructs derived from his experience in all the events making up his life history, as well as from new formations based on manipulation, combination, or transformation of such constructs. His personality is the individual's version or, more precisely, his portion of his culture. The personalities of the individuals of a society constitute the individualized texture of a culture, its distributive locus, and its social units (SCHWARTZ: 1978, p.218).

Deste modo, em qualquer sociedade, os indivíduos se difeririam experiencialmente. A cultura, portanto, seria formada, em parte, por esse conjunto de personalidades de cada membro da sociedade.

A culture, then, is the set of personalities of the members making up a society, including (but not wholly comprised by) the structure and social structure of commonality; thus it includes all the experientially derived and transformed constructs held by any member of that society. Any one personality is not a culture. But that personality along with all others in a society as they interact among themselves in events, and along with that information stored externally in artifacts, does constitute a culture (SCHWARTZ: 1979, p.219).

Seguindo as considerações de Barth e Shwartz e as descrições etnográficas elencadas considero que o aspecto emocional se constrói com as experiências e a formação da personalidade individual dos membros da unidade doméstica, movendo-se com a posição que se ocupa. A partir desse movimento, poderá direcionar quais tipos de comportamentos são “adequados”, ou não, ao manejo. Esse segundo ponto pode ser melhor exemplificado pelos conceitos de poder tático e organizacional descritos por Eric Wolf:

(...) o poder tático ou organizacional controla os cenários que as pessoas mostram suas potencialidades e interagem com outros. Esse tipo de poder nos permite compreender como as "unidades operacionais" circunscrevem as ações de outros dentro de determinado cenário; e quarto, o poder estrutural além de permitir pensar os cenários ou domínios também organiza-os e especifica a distribuição e direção fluxos de energia, tornando possível certos tipos de comportamento e dificultando outros. Permitindo-nos pensar o que limita, inibe ou incentiva o que as pessoas fazem ou não podem fazer nos cenários que estudamos (WOLF: 2003, p.326).

A relação entre o poder tático (ou organizacional) e poder estrutural é, na percepção do autor, essencial para compreendermos a organização social, o estabelecimento das relações entre as pessoas, o controle dos recursos e recompensas, canalizando ou interditando o fluxo de ação, a mudança no equilíbrio de poder. Por outro lado, as forças e efeitos estruturais que dirigem a organização social se configuram também como um processo imerso numa dimensão de conflito e não como um roteiro cultural a partir de princípios classificatórios que tornam a vida social previsível. Pensemos, então, estes aspectos a partir da família de dona Mia.

Mia tem quatorze filhos consanguíneos e um adotivo, cinquenta e três netos e vinte e três bisnetos. Alguns desses filhos, já não coabitam na área rural, uns foram para outras regiões, outros, trabalham ou vivem em João Pessoa. Atualmente, dezesseis pessoas estão distribuídas em cinco residências próximas: em uma delas, mora o filho solteiro; em outra, a filha separada - que trabalha na capital e só vêm aos finais de semana - e suas duas filhas (que moram na casa); em outra casa reside seu ex-genro e o filho; por último, na sua casa residem junto com ela e o esposo, dois filhos solteiros, uma filha casada com o esposo e filha.

Entre os homens, as atividades de trabalho estavam concentradas em ocupações voltadas ao ramo da construção civil, como ajudante de pedreiro e soldador, atividades nas quais adquiriram experiência, graças à instauração da Usina Una Agroindustrial na localidade. As mulheres migraram para a capital e exercem a atividade de empregada doméstica ou babá. Durante a semana é comum que os filhos circulem entre a cidade (devido ao trabalho) e retornem no finalzinho da tarde para casa, e as filhas que residem em João Pessoa tem uma prática muito comum de visitarem com frequência a casa dos pais, fazendo uso desse espaço como meio de sociabilidade para organizar festas comemorativas, churrascos e bebidas em abundância. Eu mesma fui inserida no cotidiano familiar a partir desses contextos festivos e como a família é grande, não há um grande intervalo entre essas datas.

Apenas um dos filhos se dedica à criação de gado e dona Mia também participa do cotidiano e auxilia na alimentação dos animais, enquanto seu esposo, apesar das limitações de saúde, junto a ela, é responsável pelo cultivo de um pequeno roçado (plantação de milho, feijão, batata e macaxeira) que auxilia na alimentação familiar.

Essas vivências repercutem diretamente no modo de se relacionar e de pensar a criação de animais. Essas situações foram ilustrando e tornando-se claras conforme o tempo de convívio e acompanhamento das relações familiares. Assim que eu mencionava que queria falar sobre os animais, todos me diziam, “você tem que falar com mãe, isto é com ela”. No começo, isto me perturbava, pensava que se tratava da minha inabilidade ou falta de familiaridade com as pessoas, mas aos poucos, fui percebendo que, apesar de todos coabitarem e compartilharem do mesmo quintal, em que as vacas, as galinhas, os gatos e cachorros convivem, o significado e a relação que cada pessoa tinha com esses não humanos diferia. Inclusive, esses termos genéricos que acabo de usar, adjetivando os animais por espécie, eram os mesmos usados por aqueles que não estavam diretamente envolvidos com a prática da criação, enquanto para dona Mia e o seu filho, Pedro, cada qual, era chamado pelo nome e detinha suas particularidades, com exceção dos gatos, com quem esse tipo de relação individualizante era seguida por uma das netas de dona Mia. A maneira como esses não humanos se comportavam com cada membro da família também se diferia, e isso era

lido e identificado pelas expressões corporais, o aceite dos afagos e carícias, os olhares, os urros, cacarejos, miados e latidos.

Também percebi que cada membro da família ocupava uma posição distinta no grupo doméstico. A autoridade máxima era dona Mia. Nada poderia ser feito sem o consentimento dela e filhos, netos e bisnetos deviam obediência às suas ordens. Consequentemente, a proximidade com cada um dos que estavam em dela também condicionava o tipo de posição que os outros ocupariam e quais ações lhes eram permitidas. Esse tipo de configuração também se assemelhava na relação dessas pessoas com os não humanos, em respeito a dona Mia. Mesmo que não se tivesse nenhum tipo de afeto a estes, eram tratava com diligência, principalmente aqueles que ela mais apreciava e quando essa regra era quebrada, uma dimensão de conflito era instaurada, a exemplo de quando um dos filhos bateu num dos cachorros em um momento de embriaguez. No dia seguinte, dona Mia chamou-lhe atenção, muitos ficaram indignados com a atitude do irmão e o ocorrido não se repetiu.

Falando em cachorros, esse é um ponto muito interessante na família de dona Mia. A cada visita à sua casa, notei que havia uma variação na quantidade. Em minha primeira visita eram sete – Tunico, Tina, Piaba, Zipe, Viludo, Palito, Vampria – estes eram membros permanentes da família, e os demais, seus filhotes, eram compartilhados com outras famílias. Lembro que fiquei impressionada, nunca tinha visto tantos cachorros em uma mesma residência. Eram animais bem tratados, tinham duas refeições diárias, preparadas especialmente, por uma das filhas de dona Mia - uma daquelas que residia na mesma habitação, junto a seu esposo e uma das filhas; ela ainda aparentava uma proximidade maior com a mãe. Sempre em nossas conversas, dona Mia fazia questão de ressaltar as qualidades de sua neta, de modo que durante o período em que acompanhei a família, pude observar, por exemplo, que dona Mia não media esforços para contribuir com a celebração do aniversário desta filha, uma festa linda, marcada pela fartura de comida, bebida e música.

Se até agora tenho falado da relação de dona Mia, a partir de um quadro de hierarquia produzido por sua posição, gostaria de evidenciar de que modo ela se relacionava com os animais e como isto diferia dos demais membros da família, que mediante suas experiências

de vida e seu posicionamento familiar adquiriam outros tipos de concepções em torno dos animais.

Vamos começar pela prática de atribuir nomes. Os gatos tiveram seus nomes escolhidos por Eliane, e os cachorros, jumento e gado são foram nomeados por dona Mia. Ela explica que essa é uma característica quando se “agrada” do animal, ou seja, quando se afeiçoa a ele, ainda que ocorresse também de maneira invertida, ou seja, quando animal também criava um vínculo afetivo para com o seu dono, “o bicho que é acostumado com o dono, ele conhece”. Dona Mia exemplifica essa questão mencionando que o animal ao chegar a uma nova residência estranha o lugar e tenta fugir, por isso é preciso ter uma cerca bem reforçada, e então, quando se adapta a seu novo lar e dono, não deseja mais voltar à antiga moradia.

2.4 - Afeto, moralidade, comercialização e abate

Porcher (2010) ao criticar a sociologia do trabalho por não considerar os animais como trabalhadores, deescreve a partir de sua experiência de campo com vacas leiteiras - dentro de uma exploração robótica para extração de leite – que suas condutas estão imbuídas de investimento subjetivo. Essa dimensão permitiria uma troca de reciprocidades entre criadores e elas, mas reconhece que as relações humanos e não humanos são assimétricas, em seu caso, a partir de uma dimensão valorativa: os beneficiários do trabalho teriam um julgamento utilitário; os criadores manteriam um vínculo [afetivo]; as vacas preservariam um julgamento de suas condições de vida ao trabalho, empenhando-se em serem reconhecidas pelos criadores como um laço de reciprocidade.

Notre hypothèse est que le travail n'est pas spécifiquement humain et que les animaux d'élevage, comme d'autres animaux, collaborent au travail, non pas par effet d'un conditionnement mais parce *qu'ils s'impliquent subjectivement dans le travail*. Contrairement aux canons de la zootechnie théorisant l'animal comme « machine animale », l'animal d'élevage lui non plus ne fonctionne pas. Nos résultats montrent en tout cas que *les vaches ne fonctionnent pas. Elles investissent leur intelligence et leur affectivité dans le travail*.

Travailler, c'est investir sa subjectivité, laquelle échappe à l'observation. D'une certaine manière, le travail est invisible. Dans le cas

des vaches, notre principal outil était pourtant l'observation. Ce que nous avons observé, c'est que les vaches témoignent d'un respect des règles du travail instituées par l'éleveur mais aussi de conduites autonomes, c'est-à-dire hors des procédures, hors de ce qui est prescrit par l'organisation du travail, notamment autour du robot de traite. Nous avons vu comment les vaches réussissent à construire les conditions d'une coopération et mettent en oeuvre une intelligence pratique du robot de traite : éviter les conflits, négocier, se montrer polies, être conciliantes... Cette intelligence de la pratique est singulière, propre à chaque vache, comme nous l'avons constaté dans la relation particulière de certaines vaches au robot, mais aussi nécessairement collective. Elle nécessite une coopération entre les individus.

Du point de vue de la psychodynamique du travail, « la reconnaissance passe par la construction rigoureuse de jugements. Ces *jugements* portent sur le travail accompli. Ils sont proférés par des acteurs spécifiques, engagés directement dans la gestion collective de l'organisation du travail » [Dejours, 1993 : 227]. Le jugement « d'utilité » est porté par les bénéficiaires du travail (clients, usagers...); le jugement « de beauté » par les pairs. En élevage, il existe un autre jugement : le jugement du lien. C'est le jugement perçu par les travailleurs comme étant donné par les animaux, *i. e* celui qui est porté sur le travail par les animaux eux-mêmes [Porcher, 2008]. Il faut noter en effet que bien que les relations de travail entre humains et animaux soient indéniablement asymétriques, elles mettent en jeu des échanges fondés sur des valeurs, explicitement du côté des éleveurs, par hypothèse implicite pour ce qui concerne les animaux. Le jugement du lien ne porte pas sur *le travail accompli, i. e* sur les résultats de la production, mais sur les moyens du travail. Les vaches en effet ne *produisent* pas du lait et ne s'intéressent pas à leurs courbes de performance mais, selon les éleveurs, elles manifestent néanmoins un jugement sur leurs conditions de vie au travail. Le jugement du lien est une source de reconnaissance pour l'éleveur, mais il a aussi une dimension réciproque : les animaux attendent une reconnaissance de leur « bon boulot » (PORCHER, 2010, pp. 256-258, grifos do autor).

Como já fixamos, o afeto eclode como um componente estrutural das relações entre agricultores e animais não humanos, seja como mecanismo instrumental, seja como símbolo de reciprocidade. A dimensão recíproca transparece quando os criadores sentem-se em dívida com seus companheiros de trabalho por proporcionar o sustento da família. Concebendo a estes não humanos o estatuto de “trabalhadores”. Alguns criadores vinculam a produtividade das vacas (intencionalmente) ao amor que lhes são devotados. Os urros, corpos dóceis e trocas de carícias põe em evidência estes sentimentos. A mansidão possibilita uma dinâmica de maior proximidade e confiança, enquanto a agressividade invoca um distanciamento. O campo de interação é um cenário de performance corporal (ambos) que cruza a voz humana

com entonações vocálicas (berros, urros, carcarejo, grunhidos) e todos estes movimentos são lidos graças ao afeto, à convivência e as relações cotidianas.

Meu interesse aqui é sinalizar uma dimensão valorativa no afeto. Em primeira instância, realço que os criadores se afeiçoam por cada animal não humano em gradações diferentes, salvaguardando sentimentos de maior afinidade com sujeitos específicos. Estes serão mantidos em períodos mais longos, podendo ser ou não comercializados, desfrutando de cuidados diferenciados. Apesar de uma boa convivência ser substancial, ela não é adquirida, unicamente, por temperamentos amistosos e sujeitos não humanos mansos. Requer que ambas as partes “acostumem-se” com a presença do outro e assim possam habituar-se às interações de manejo, permitindo uma aproximação, mesmo que não implique em afagos. Conquanto, aqueles que são mais mansos e demonstram carinho para com o dono são os mais apreciados. A manifestação de tais afeições dá-se quando mudam de atitudes: correm quando são chamados pelo nome, aparentam ficar alegres, permitem ser seduzidos e alisados. Estes são sempre lembrados com saudades.

A produtividade também aparece como instância de aproximação. Aqueles de melhor saúde e aparência, maior peso e bom porte físico, melhores produtoras de leite, dispõem de mais atenção e cuidados dos seus donos. Inicialmente fundamentada em minhas experiências pessoais e em algo como que uma “racionalidade ocidental”, cogitei e retardei conceber que afeto e utilitarismo, pelo menos no meu campo, caminhassem lado a lado e não se estabelecem como campos opostos. Em uma de minhas visitas a um assentamento em Remígio escutei dona Eugenia lamentar a morte de sua vaca, ocorrido há dois dias. A morte foi ocasionada em função de um quadro hemorrágico quando deu à luz. A sua tristeza tinha duas razões: era o animal que ela mais “gostava” - igual não haveria de encontrar - por ser muito amorosa e a melhor vaca leiteira que já havia tido.

O consumo atravessa uma hierarquia valorativa de custo, lucro e massa corporal. As galinhas são as mais consumidas, em especial, os frangos, pois, as fêmeas são muitas vezes resguardadas por produzirem ovos, os quais, poderão ser negociados. As cabras, ovelhas e porcos, a depender do tamanho da parentela, poderão ser abatidos para deglutição. Por terem um porte intermediário são bastante apreciados em momentos festivos quando há uma

concentração maior de consanguíneos reunidos. Os bois não são mortos em suas propriedades, são continuamente vendidos vivos, por duas razões: a proibição de seu abate em outros ambientes que não sejam matadouros ou frigoríficos; habilidades técnicas perscrutada por marchantes.

Falando em rendimentos, a criação é uma atividade desempenhada como meio de gerar renda ou uma espécie de poupança. Consequentemente, a manutenção e sustento familiar é a característica primordial e que legitima moralmente a venda e o abate para consumo. A esse respeito gostaria de trazer à discussão um artigo de Philippe Descola, “Estrutura ou Sentimento: a relação com o animal na Amazônia”. O próprio título é bastante sugestivo no sentido dualista – ou estrutura ou sentimento – não cabendo os dois elementos numa mesma dimensão. Sua análise está ancorada na manutenção de relações simétricas entre humanos e não humanos, isto seria explicável através das representações fundadas em suas cosmologias. Vejamos com maiores detalhes sua argumentação.

Descola (1998) desenvolve sua retórica em torno das diversas concepções ocidentais em torno da violência praticada contra os animais. Entre estes, situam-se os vegetarianos, defensores de um comprometimento moral dos humanos em propiciar bem estar aos demais seres. Algumas organizações ecológicas nesse nicho veriam em povos e populações indígenas da Amazônia ou América do Norte a figura de equilíbrio com a natureza, ainda que tivessem suas sensibilidades estremecidas quando o elemento caça é posto. Na concepção do autor, os movimentos ecológicos e os índios, ou melhor, as suas atitudes particulares com relação à natureza, estariam assentados em fundamentos muito diferentes. Enquanto aos primeiros, proteger significa delegar direitos jurídicos; aos segundos, os animais não são sujeitos de direitos tutelados, mas pessoas morais e sociais plenamente autônomas. Não haveria, assim, dois domínios ontológicos para classificar os humanos e os não humanos. Nas cosmologias amazônicas estas diferenças, entre os homens, as plantas e os animais seriam definidas por grau, não por natureza: “Os animais, e as plantas em menor medida, são aí percebidos como sujeitos sociais, dotados de instituições e de comportamentos perfeitamente simétricos àqueles dos homens” (p.27). Este ponto é o que permitiria um tipo de relacionamento distinto e o próprio ato de matar.

Ora, os povos amazônicos tiram da caça e da pesca uma parte de sua alimentação. Quase todo dia os homens se confrontam, então, com a necessidade de fazer perecerem seres cobertos de penas, pêlos ou escamas, mas que com eles se parecem por vários atributos. Todos conhecem as circunstâncias dessa destruição. A morte dos animais e sua preparação não é dissimulada em recintos afastados da visão dos profanos, como ocorre entre nós atualmente, e todo mundo na Amazônia é familiarizado desde a mais tenra idade com aqueles corpos ainda quentes que se vão esfolar, estripar e cortar para cozinhar. Graças às intermináveis histórias de caça que os homens gostam de contar, todo mundo também sabe qual foi o comportamento do animal antes de morrer, o medo, a tentativa de fuga abortada, o sofrimento, as manifestações de aflição dos seus companheiros. Em suma, ninguém pode ignorar de que maneira um ser vivo se torna comida. Como esses povos podem então conciliar a violência que exercem cotidianamente contra os animais com a idéia de que esses seres são, de algum modo, humanos disfarçados? Como matar e alimentar-se de quase-semelhantes sem que tal incorporação do vivo pelo vivo apareça como uma forma de canibalismo? Tal contradição é muito mais forte que aquela que, eventualmente, nós próprios podemos experimentar na hora de consumir a carne. Os vegetarianos que se recusam à cumplicidade da destruição de uma vida, nem por isso se consideram congêneres dos animais que se absterem de comer. Os mais decididos partidários da liberação animal decerto reconhecem direitos intrínsecos àqueles que Michelet chamava nossos “irmãos inferiores”, mas nenhum deles imagina que as vacas, os porcos ou as cobaias levem uma vida dupla e que, sob a ilusão de seu avatar animal, se escondam seres dotados de uma cultura idêntica à nossa (DESCOLA: 1998, p.29).

Segundo este autor, tal relacionamento se esquematizaria como um dilema e, em busca de solucioná-lo, alguns antropólogos construíram sua argumentação ancorada em princípios morais: em compensações simbólicas do caçador como uma maneira de mitigar sua má consciência. Philippe Erikson (1987) sugeriu conceber a criação de animais selvagens na Amazônia como um ato de retribuição aos genitores caçados, adotando e sustentando seus filhotes. Esta seria uma maneira de revogar a violência cometida. Hugh-Jones (1993) resguarda a má consciência indígena homóloga aos ocidentais defronte da carne de açougue. Estas esquematizações seriam rejeitadas por Descola pelas seguintes razões: primeiro, por imputar uma sensibilidade em relação aos animais que talvez seja experimentada de modo espontâneo por ocidentais, derivado de uma evolução específica das práticas e mentalidades, em que o sofrimento dos animais nem sempre culminou em má consciência. Segundo, a implacabilidade de um dilema moral, um quadro universal (com direitos, obrigações e valores). Assim, a culpa pela morte de um animal estaria relacionado a negação de um direito à vida e a negação de um direito à liberdade. Insistir em um dilema moral universal tolheria as diversas modalidades que a relação entre caçador e caça poderiam evidenciar na Amazônia.

Conforme Descola, o ponto que deveria ser privilegiado é o aspecto social, a relação de pessoa a pessoa. O animal de caça aparece como um outro próximo. Alguns modelos podem exemplificar as formas de relações entre estes humanos e animais: reciprocidade, predação e dádiva. No primeiro, a vida animal deve ser recompensada. No segundo, não haverá uma contrapartida à morte. Na terceira, os animais doam-se espontaneamente. Os dois últimos poderiam ser confundidos como dissimuladores de uma relação social livremente consentida. Contudo, ao admitir que os animais serão reencarnados, o humano-caçador é apenas um agente de metamorfose e, quando se acredita que pode substituí-los por almas humanas, é apenas uma maneira de adiantar uma vida. Por isso, a violência aparece como um componente que não pode ser efetivado em “cosmologias concebidas como sistemas fechados nos quais a conservação do movimento dos seres e das coisas exige que as partes troquem constantemente de posição” (DESCOLA: 1998, p. 40).

À vista dos pressupostos elencados pelo autor, os sentimentos, atributo invocado pelos ecologistas para pensar uma relação de equiparação e de ausência de violência entre humanos e não humanos, ou por antropólogos através de uma sensação de mal-estar e alternativas para diluí-la, não seriam compatíveis com a estrutura das sociedades indígenas. Nela, todos os seres pertencem a um mesmo domínio ontológico, havendo uma circularidade que permite trocas continuamente da posição dos mesmos. Apesar de contextos peculiares, faremos um paralelo para refletir sobre a morte e a afetividade no contexto rural como componentes estruturais e não enquanto dimensões opostas.

No contexto etnográfico, representações em torno dos animais não humanos variavam de acordo com o campo interacional: quanto maior proximidade nutrir, menor o grau a distância entre domínios ontológicos; inversamente, aquele que conviver em menor intensidade, era pensado como alguém que não comportava certos atributos da humanidade. Posto isso, se a argumentação de Descola nos conduz a pensar que a relação humanos e não humanos entre ameríndios é mediada exclusivamente pela cosmologia, a qual inibe qualquer tipo de percepções assentadas em sentimentos, entre camponeses o campo interacional, as experiências com o manejo e o afeto formam os elementos estruturantes.

Matar um animal não humano para o consumo não é assimilado como ato de violência, igualmente no contexto amazônico. Mas, em nosso caso, como estamos a enunciar, desde o capítulo anterior, estabelece-se em relações de poder. Maltratar é quando não se “zela” por ele, sem alimentá-lo ou dar-lhe água, expondo-o ao sol na ausência de alguma árvore para se refrescar, agredi-lo ou matar as fêmeas prenhas. Algo que, na descrição dos agricultores/agricultoras era comum ser praticado por açougueiros municipais, o que os motiva a evitar vender seus animais a estes. Por este ângulo, abater não aparece como uma dimensão moralista que impute qualquer tipo de sentimento de culpa ou remorso. Os animais devem ser mortos para alimentar e suprir as necessidades da família, “foi assim que Deus deixou”.

27 - E criou Deus, o homem a sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.

28 - E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra;

29 – E disse Deus: eis, que eu vos tenho dado toda erva que dar semente, ser-vos-á para mantimento.

30 – E a todo o animal da terra, e a toda as aves do céu, e a todo o réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde será para mantimento. E assim foi. (Gênesis 1: 27-30, grifo nosso)

Neste sentido, meus interlocutores também faziam uso de uma dimensão cosmológica: o cristianismo. Através dela justificavam a comercialidade e a morte, que ganha em algumas instâncias ocidentais o dilema moral negativista, como o caso citado por Descola em torno dos vegetarianos. Mas de modo algum suas representações e relações dissolviam no momento de comercialização e abate o vínculo sentimental, o que ocorre são atitudes de distanciamento para tornar suportável a partida dos animais não humanos.

Os agricultores apontam não gostar de matar seu rebanho, "a gente sempre acha mais ruim matar os nossos animais, porque a gente criou, tá vendo ele ali todo dia" (João, 2015). Não conviver influi num distanciamento emocional, e com isso, nas próprias representações. Quando eu participava de um aniversário na Usina Santa Helena, antes do evento, as

mulheres reuniram-se para organizar a comida, algumas “carnes” tinham sido compradas na cidade e as “galinhas” pertenciam à avó matriarca do grupo doméstico. Estes cortes não eram descritos pelos mesmos adjetivos, as palavras de ordem era carne: “vamos preparar as carnes”, “assar as carnes”. Enquanto, as galinhas pertencentes à família eram descritos por sua trajetória em vida.

Algumas famílias procuram não matar seus animais. Negociavam com os parentes a troca de animais no momento do abate, como uma troca de favores. Acreditam que seu sentimento influi na demora dos animais não humanos morrerem. Seu João é uma dessas pessoas, ao matar a porca que ele mais estimava, “sentiu pena”, ela foi golpeada várias vezes e com grande frequência, pois, não morria. Quanto mais afeto se tem, é comum ouvir histórias em que se opta por vender o animal vivo a outros agricultores. A organização das relações entre animais humanos e não humanos era pensada a partir de prioridades, entre os agricultores a prioridade seria o manuseio e o aumento do rebanho, enquanto entre os marchantes, primordialmente, o abate.

Na comercialização, algumas medidas eram adotadas pelos criadores para criar um distanciamento com aquele que irá partir. Desde, um afastamento psíquico, buscando confortar-se em esquecer o sentimento de amizade para não sofrer, “Quando vou vender, eu perco amizade, pode ser o mais estimado da vida, eu vou vender, aquele eu perdi o amor dele, não vou vender e ficar com pena, a gente fica, mas eu não vou ficar lembrando, lembrar é sofrer duas vezes, não fica assim – vendi! Para mim, acabou” (Seu Elião). Tal atitude seria sustentada pela concepção de garantir os meios de sobrevivência da família.

Seu Zé, lembra-se, de sua primeira ovelha, “animal como aquele nunca mais haveria de gostar”. Em suas lembranças, ela parece como uma companhia agradável e inseparável. Mas, teve que tomar a triste decisão de vendê-la, pois, a família estava desprovida de alimentos e de recursos financeiros para adquiri-los. Ele foi a cidade, saiu cedo de casa, procurou algum comprador, e no finalzinho do dia, a vendeu. Foi no supermercado, fez algumas compras e voltou para casa. No meio do caminho, arrependeu-se, quis voltar, mas não tivera outra alternativa. Chegou em casa, a esposa preparou o almoço com os itens que ele trouxe, apesar de estar com fome, a tristeza, o impediu de comer; essa angústia, ainda,

repercutiu, por alguns dias, até o momento que, decidi nunca mais cultivar amizade como essa com os animais. Hoje, diz que mantém relações de amizade com sua criação, mas é diferente (Zé, sítio Macaquinhos, 2015).

A técnica de castração também elucida a moralidade submersa em conteúdo afetivo. A criação de porcos, implica, obrigatoriamente, em submetê-los a um processo de castração, cuja finalidade é eliminar o odor da carne e tornando-a apta à comercialização, pois, caso eles não sejam castrados, a carne fica com mal cheiro e imprópria para o consumo.

Figura 7 - Porco no chiqueiro, 2015



Foto: Joelma Batista

Apesar da indispensabilidade dos animais serem castrados, nem todos os agricultores desenvolvem essa habilidade. Essa prática envolve conhecimento preciso de corte e cicatrização, para que não ocorra hemorragia ou infecção. Pensei, por um longo tempo, que esta era a causa porque poucos se dedicavam a esta prática, preferindo deixa-la para os “profissionais”. Muitos criadores diziam-me não se interessar em aprender a castrar,

preferiam pagar a “bons castradores”, pessoas conhecidas ou familiares. Quando eu questionava sobre a negação deles em desenvolver esta atividade, seus comentários, na maioria das vezes, era dizer que “não gostavam”, apesar de acreditarem que aprenderiam com facilidade, mas não queriam. Sentiam pena de cortar os “bichinhos” e vê-los sangrar. Acreditavam ainda, que teriam dificuldades para consumir a carne deste animal quando fosse morto, pois se lembrariam da castração, do que haviam “feito”. Portanto, o ato de castração não pode ser concebido, apenas como habilidade ou capacidade de processos técnicos, mas, encontrava-se igualmente, interligado ao campo emotivo e à moralidade, principalmente, pelo sentimento de pena e por considerar um ato que desperta sensações de reprovação.

Escolhi a foto acima porque ela desperta muitas lembranças e sensações que me foram descritas por alguns criadores, em especial, a de seu Julho e dona Terezinha, ambos residentes em áreas rurais pertencentes a cidade de Piancó. Lembro-me que assim que me aproximei do chiqueiro, os dois porquinhos ficaram na vertical, subiram e ficaram olhando para mim, eu fiquei emocionada com as lembranças que me trouxe a cena. Seu Julho e dona Terezinha haviam me contado sobre o abate de um porco em sua casa. Falaram-me de como era a convivência e a mansidão do animal, de como eles reagiam quando seus donos se aproximavam, algo que despertava uma sensação de alegria, foi assim que eu me senti.

Dona Terezinha é filha de marchante e desde criança estava acostumada a presenciar abate, inclusive, depois dos dez anos de idade passou a auxiliar o pai nesta atividade, disse-me, que apesar de nunca ter golpeado um animal, ela por observar rotineiramente o pai, faria com muita tranquilidade. Aliás, já havia abatido depois que casou, pois, seu marido não se dispôs a fazê-lo. Mas, na sua última criação um porco presente do sogro a seu filho, ficou na casa deles para a engorda e dona Terezinha não quis presenciar o abate. As lembranças da convivência a impediram. Quando chegou o dia, ela pediu a amiga e a esposa do abatedor para que ficassem conversando no quarto com ela, não queria assistir ao abate, pois tinha se apegado ao animal.

Enfim, espero ter deixado claro que o fator emocional e moral criam mecanismos de distanciamento ou proximidade. Seriam as hierárquicas de valores e não relações estruturais e simétricas que fundamentariam tais concepções. No próximo capítulo discutirei o conceito

de domesticação e suas limitações para pensar o estatuto dos animais a partir das configurações e o campo relacional.

CAPÍTULO III

DOMESTICAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E ANIMAIS NÃO HUMANOS EM MOVIMENTO

3.1 Sistema domesticatório ocidental e o contexto francês: modelo hierárquico e estatutos diferenciados dos animais

Digard (2006) ao buscar compreender como as sociedades selecionam os animais que podem ser ou não comidos argumentou que o consumo da carne é uma ação humana inserida dentro de um contexto sociocultural particular, pois as relações com os animais variam de uma época a outra através de um conjunto particular de *técnicas*, de *representações*, de *crenças* relativas aos animais ou de *sentimentos avessos a eles*. Todos esses elementos formam um “*sistema domesticatório*”. Ele põe em evidência como característica excepcional do sistema domesticatório ocidental moderno a diferenciação na utilização e no tratamento dos animais estabelecidos a partir de um modelo hierárquico em três instâncias, elas definiriam o estatuto do animal.

O modelo hierárquico proposto por Digard compreende três campos de relação: aquele conformado por animais de companhia, um segundo por animais da fauna selvagem, e um terceiro composto pelo que chama de animais de rendimento.

- ✓ *Animais de companhia* – dispõe de um estatuto familiar próximo a de crianças. Não se caracterizam por aspectos utilitários, servindo apenas como companhia de seus proprietários. Os cães de guarda, pastor ou de caça não são animais de companhia.
- ✓ *Animais da fauna selvagem* - estes animais ocupam uma posição simétrica e inversa aos animais de companhia. Simétrica porque as duas categorias partilham a mesma utilidade. Inversa porque a fauna selvagem é considerada ilesa de todas as ações humanas.

- ✓ *Animais de rendimento* – são pensados como produtos, havendo um grande investimento neles para aumento e melhoria de sua produtividade com o objetivo de abater e comer. Em alguns países de língua inglesa e francesa são formuladas palavras de distanciamento para não lembrar os animais vivos, como “*pork*” (carne de porco) e “*pig*” (porco) ou “*aloyau*” (lombo de vaca) por “*rein*” (rim).

Na França os anos que se sucederam a 1960 foram caracterizados por grande pressão para o aumento da produção dos animais de rendimento, proporcionando na leitura do autor, uma degradação de seu estatuto. Algo que pode ser descrito tomando como base os anos de 1990 e 2000, em que vários rebanhos de bois e ovelhas foram dizimados sob suspeita de contaminação da febre aftosa. Concomitantemente transcorria uma publicidade de perfumes para cachorros, com desfile de moda canina para “estilista”. Essas contradições aparecem na análise de Digard (2006) como uma contrariedade da sociedade ocidental que justificava a morte de certos animais e mostrava-se sensível e protetora a outros. Duas faces inseparáveis da mesma realidade.

Sendo estas duas categorias “animais de renda” e “animais de companhia” não totalmente impermeáveis. É possível, como no caso do cavalo na França, em contextos e épocas distintas a espécie transitar de uma a outra. O ano de 1950 demonstra bem essa questão, período considerado um marco na motorização definitiva da agricultura e dos transportes civis militares, possibilitando a migração do cavalo, da utilidade ao lazer, graças igualmente, a popularização e feminização dos esportes equestres, contribuindo para a elevação do estatuto cultural dessa espécie. Mas esta sensibilidade também é acompanhada pela sua utilização, em particular, para o açougue. Após uma intensa campanha, o consumo de carne de cavalo foi autorizada em 9 de junho de 1866 na França. Contudo, na metade do século XX se instaura uma crise, opondo-se ao consumo de carne de cavalo e que se tornou irreversível, principalmente por duas razões: a apreensão da triquinelose, e sobretudo, as novas sensibilidades “animalitárias” contra o consumo de carne de cavalo. Portanto, associado a estes fatores socioculturais, esse tipo de prática na França foi restrito a um corte intermediário.

3.2. Modelo classificatório

Partindo-se do princípio de um modelo classificatório para definir as representações dos agricultores e agricultoras a respeito dos animais não humanos estabeleci, assim como Digard (2006), três categorias distintas que se aproximam do modelo classificatório ocidental, mas como veremos mais adiante, elas são apenas uma maneira de impor (em termos conceituais) uma ordem. Na prática não são apenas impermeáveis, mas ineficazes para definir o estatuto dos animais e as relações com eles instituídas.

- *Animais de criação*: são aqueles que são criados para serem comercializados ou comidos (gado, ovelhas, cabras, porcos, galinhas, perus). Eles são associados à profissão e a identidade do agricultor, ou seja, são considerados o instrumento de trabalho e parte da geração de renda para a família.
- *Animais doméstico ou de estimação*: são aqueles que não se comercializa (gatos, cachorros, pássaros criados em cativeiro) e não são considerados alimentos. Os cachorros apareceram como os animais mais apreciados, devido a sua posição de guardião da casa e dos animais de criação, pois, podem combater alguns predadores, como cobras e teiús (*Tupinambis sp*), são associados a representações de “melhor amigo do homem”. Os gatos são animais apreciados pela geração mais jovem, raramente, são mencionados como predadores de ratos, aparecem na narrativa dos agricultores como animais sem utilidade e que, aos poucos, tornaram-se preguiçosos e já não queriam caçar, pois, aprenderam a comer apenas a comida que lhe era oferecida, na maioria dos casos, ração.
- *Animais predadores*: são aqueles que vivem soltos pela natureza e que podem a vir alimentar-se dos animais de criação. Quando isso ocorre, passam a ser visto como seres que devem ser combatidos, pegos e mortos.

3.2.1 Animais doméstico ou de estimação

“... porque gato e cachorro sabem brincar com a pessoa, eles entendem – por mais que apareça pessoas dizendo não entende porque é animal – mais eles entendem, porque se você coloca o nome no gato ou no cachorro - você chamando eles não obedecem? É porque eles lhe entende”
(Pepita, 2013)

A epígrafe acima trata-se de um trecho de uma conversa entre mim e Pepita, uma jovem, habitante do sítio Macaquinhos. Nesta época, eu fazia pesquisa de campo para conclusão de curso na graduação. Ela tinha vinte e dois anos, morava com os pais e era solteira, proprietária de dois gatos e uma ovelha, respectivamente, Quel, Mimica e Pandora.

Era uma família que não dispunha de muitas posses materiais, apesar disso, parte do orçamento da família era reservado para comprar ração para os gatos. Havia uma afeição especial por Quel, o queridinho de Pepita e sua mãe. Observem na figura 8, Quel aparece deitado no sofá (coberto por uma manta vermelha que quase o faz desaparecer da imagem) ao lado de dona Rute esparrama-se à vontade, troca olhares com ela à espera de um afago. De comportamento amigável, pensei e desejei uma carícia, mas foi-me negada. Quando sentei no sofá, Quel retirou-se, preferiu repousar em outro móvel da casa. Pepita o mimava quando me contou que eram inseparáveis, ouviam música e assistiam televisão juntos, atividades muito apreciadas por ele. Pepita gostava de brincar com Quel e Mimica, pois eles interagiam e correspondiam ao seu chamado, prova disto seria quando ela falava o nome deles e eles reagiam com o movimento de seus corpos, seja com um olhar, com um movimento brusco ou miado, características estas que ela não associava de maneira imediata a sua ovelha Pandora e aos animais de criação da família.

Figura 8 - Imagens de duas famílias do Sítio macaquinhos, 2013



Montagem de Fotos: Joelma Batista

O “xodó” de seu pai era o cachorro Menino (abaixo, última imagem na figura 8), fiel companheiro no seu dia a dia. A voz de seu Zé era o suficiente para atraí-lo e trocas de carícias. Para seu Zé, assim como para sua filha Pepita, Menino, Quel e Mimica não eram apenas animais, mas membros da família que interagem com eles, dotados de inteligência, capazes de demonstrarem sentimentos e integrarem os humanos a seu círculo familiar.

Na Usina Santa Helena convivi com pessoas que tinham uma percepção muito parecida em torno dos cachorros. Era comum se referirem como os “bichinhos”, àqueles com os quais mantinham maior afeto. Ao som de dona Marieta, Tunipe, Piaba, Zipe, Tina, Viludo,

Palito e Vampria se achegavam a ela. Todos os membros familiares concordavam que os animais eram mais afeiçoados a ela. Outra pessoa a quem os cachorros tinham uma grande familiaridade era Nina, uma de suas filhas. Era ela quem preparava a alimentação deles. No horário de cada refeição reuniam-se pelo som das panelas, onde eles estivessem, em poucos segundos, aproximavam-se.

Certo dia, quando conversávamos sobre os cachorros, uma das filhas de dona Marieta lembrou-se de uma situação em que uma das irmãs interagiu com um dos cachorros. Ele estava com uma ferida aberta, ficaram com medo do risco que essa enfermidade incutia à sua vida, atraíram-no e gotejaram um pouco de pomada (de uso humano) sobre o ferimento; imediatamente saiu correndo, pois a medicação provocara ardência e desconforto. Gisele comovendo-se com a reação do vira lata passou a acompanhá-lo, fixou seu olhar ao dele e perguntou – *meu filho, está doendo?* Ele a olhava, enquanto escorria um líquido de seus olhos (que elas associaram a lágrimas) e começou a grunhir. Esse comportamento, na leitura delas era a resposta ao questionamento de Gisele, ele compreendeu sua pergunta, mantendo comunicação a partir de uma linguagem não verbal.

Portanto a representação dos agricultores/agricultoras em torno dos animais não humanos estaria incorporada a interação, através dela, os animais não humanos testemunhariam suas capacidades intelectuais e sentimentais. O relato de uma situação vivenciada por seu Arnaldo com a cachorra Vitória ilustra bem essas questões, mas antes de descrever o ocorrido, falemos um pouco dela. De mistura das raças vira lata com pitbull, temperamento arreadio, provocando medo entre vizinhos e visitantes, Vitória é mantida presa sob correntes. Seu latido de sonoridade estrondosa, denuncia a aproximação de alguém que não participa de sua rotina, provocando grandes alterações em seu comportamento. Isto pode ser ilustrado a partir do contexto em que a foto 9 (abaixo) foi obtida.

Figura 9 – Vitória no quintal de sua casa



Foto: Ninho

Passemos então, ao ocorrido. Nas segundas-feiras, no período da manhã, toda família dirige-se a cidade, retornando cada qual em horários distintos, mas a partir do finalzinho da tarde. Num desses dias, seu Arnaldo foi o primeiro a retornar, ao descer da moto foi surpreendido por Vitória, lançando-o violentamente ao chão, mas conteve-se ao som de sua voz, tornando-se dócil, permitindo ser acorrentada por ele. Tal episódio é compreendido na leitura de seu Arnaldo como uma demonstração de afeto e a sua capacidade em reconhecer seus familiares, caso o contrário, ela o teria matado.

Pensar a afetividade como elo estabelecido entre sujeitos (sejam eles, humanos ou não) e em instâncias distintivas, se apresentava de modo bastante contínuo no cotidiano. Sendo-me bastante perceptível a partir das interações de cada integrante da unidade doméstica, mas também das alterações de comportamentos dos animais não humanos diante de minha presença, como por exemplo, as reações de Vitória. Na ocasião, eu estava a passear pelo quintal, obtendo fotografias das galinhas, pintinhos, vacas e bezerros, quando tive a brilhante ideia de guardar uma lembrança da famosa cachorra. Aproximei-me, seus latidos eram arrepiantes, saltava e agitava os galhos, fiquei com medo das correntes romperem e

eventualmente ser ferida por Vitória. Ninho estava a poucos metros, convidei-o a aproximar-se, pois sua mãe em outra ocasião confidenciou-me que Vitória o amava mais, tinha um carinho especial por ele, então, decidi pedir para que ele a fotografasse. Quando aproximou-se, ela calou-se, tornou-se dócil.

3.2.2 Animais de criação

Os animais de criação são considerados “*companheiros de trabalho*”. Com eles se cria também um vínculo de amizade e são igualmente considerados parte da família. A distinção em relação aos animais de estimação é que estes são, desde o início, criados com a intenção de gerar renda, uma dimensão valorativa hierárquica que posiciona e legitima - através de uma cosmologia cristã - o distanciamento no processo de comercialização e abate.

Figura 10 – Seu Arnaldo manejando as vacas para uma área de pasto, 2014



Foto: Joelma Batista

A foto 10 ilustra uma das minhas visitas à família de seu Arnaldo, para ser mais precisa, minha primeira ida a campo na cidade de Piancó. As cinco horas da manhã acompanhamos as vacas - Chuita, Branquinha, Amarelinha, Estrelinha e Pretinha – a um território reservado para cultivo de pasto, delimitado por cercas de madeira e arame.

O percurso consistiu na distância aproximada de dois quilômetros. Seu Arnaldo conduziu suas vacas com o auxílio de um cipó na mão direita, e emitia alguns sons - “êêêêê boi”. Ao longo do trajeto apontava as moradias dos parentes, descrevendo relatos de vivências nas terras que adentrávamos. Enquanto isso, as vacas iam a nossa frente sempre seguindo o caminho, sem desvio. Eu tinha a impressão que elas conheciam o trajeto. Havia outro percurso de menor distância (por dentro da roça de alguns parentes), era usado por ele quando estava muito cansado, mas devido a cercas e “cancelas”, as vacas não poderiam seguir tal rota, por isso, ao usar esta alternativa somente ele seguia por esta rota, enquanto suas vacas recebiam o comando e partiam sozinhas pelo percurso mais longo. Ele chegava ao pasto, logo atrás e com poucos minutos, elas apareciam. Falar das vacas era motivo de muito orgulho, principalmente de Chuita, aquela mais mansa, mais gorda e mais bonita. Com ela, a relação de confiança era maior do que com Branquinha, Amarelinha, Estrelinha e Pretinha, pois não era preciso prender suas patas traseiras no instante da ordenha manual.

Assim como os animais de estimação era comum nomear o gado, enquanto com as demais espécies, a nomeação era efetuada com base numa dimensão de afeto. Contudo, apesar de todos ganharem nome, o afeto ressoava em proporções distintas, como é o caso de seu Arnaldo com Chuita. Por qual razão, em especial, o gado adquire nome? Penso que a resposta caminhe na direção de minha conversa com seu Eli.

Piancoense, seu Eli residia em um sítio e além de trabalhar com atividades na área rural também comercializa alguns utensílios domésticos na feira municipal da cidade. Conhecemo-nos há alguns anos, seus pertences eram vendidos em frente à frutaria de minha mãe no Mercado Público de Piancó. Quando falávamos sobre sua criação, ele dizia que tinha algumas vacas e que desde a época de seu pai, do seu avó, e daí em diante, se aprendia a dar nome a estes animais, aos demais era mais difícil. Era uma coisa como de herança, herdado de pai para filho. Ele dizia também que quando ia escolher o nome dos animais, às vezes o

fazia ao ouvir músicas que falavam sobre a vida no campo, ou então, quando tomava uma cervejinha com os amigos, e aí escolhia os nomes, ou simplesmente olhava para o animal, achando-o parecido com algo, alguma pessoa ou objeto.

Assim, a nomeação estaria vinculada a uma questão identitária, a figura masculina atrelada ao manejo com o gado. Uma atividade em que se tem um maior dispêndio de tempo e interação, já que as outras criações têm um período de engorda mais rápido, são comercializados com mais frequência e na maioria dos casos não são abatidos pelos agricultores. Por outro ângulo, tal atributo pode ser considerado a partir de uma dimensão de eficácia associada as relações comunicativas, todos os criadores mencionam que ao pronunciar os nomes, prontamente, cada animal não humano direciona-se a seu encontro, o que permite um menor dispêndio para reunir o rebanho. E por último, coexiste representações que esta espécie, em especial, dispõe de uma maior capacidade de interagir e demonstrar suas capacidades intelectuais e emotivas, atributos esses que os aproximam dos animais de estimação, tanto pela partilha de momentos de afetividade, quanto pela capacidade de interação e afeição com os humanos, pois eles conhecem os seus donos, se aproximam quando escutam chamá-los e demonstram afeto.

Trago duas narrativas para permitir ao leitor ser mais clara em minha argumentação. Seu Eduardo é um homem aposentado, de origem rural, mas atualmente junto a sua esposa, residente no espaço urbano, contudo, ainda proprietário de terras e de gado. Um de seus filhos é responsável pela ordenha e comercialização do leite. Certo dia, no finalzinho da tarde, conversávamos sobre suas lembranças de juventude. Lembra com nostalgia a reação do gado quando chegava à roça, vinham todos a seu encontro ao ouvir seus nomes. Ele caminhava e os animais vinham logo atrás, abria a porteira e entravam um a um, pois “eram todos obedientes”. Comportamento este que se alterava quando outras pessoas acompanhavam seu Eduardo nas atividades de manejo, pois segundo ele, o gado ficado “cismado”. Em suas descrições as alterações de comportamento de sua criação podia ser explicada pela amizade cultivada por ele e por seus animais: “*eu tinha amizade aos bichinhos e eles a mim também!*”.

Seu Maneco também agricultor aposentado, residiu em regime de meeiro, quando casou-se trouxe a mulher para morar nas terras de seu patrão. Lá, ele tinha alguns animais,

poucos, pois as condições financeiras eram difíceis. Trabalhava de domingo a domingo, pois o dia de folga era uma espécie de compensação para que recebesse alimentos para seus poucos animais. Para ele, as lembranças desse tempo são caracterizadas por profunda amizade com o gado, os do seu patrão, e em especial da sua vaca Baiana. Lastima a comercialização de Baiana, mediante a impossibilidade em manter as despesas com alimentação. As lembranças faziam-se vívidas quando o seu olhar atravessava o curral, sentindo a sensação de vazio em seu coração: “era mesmo que ter perdido uma filha”.

Portanto, os criadores concebem ao gado, bem como ao jumento e cavalo, o aspecto de trabalhadores na mesma proporção que os humanos. Tal característica, entre outras, inclui na unidade doméstica estes animais não humanos como pertencentes a família. A figura de trabalhador denota um reconhecimento que a produção de bens alimentícios agrícolas, o transporte de cargas de lenhas, cereais e água são rotinas realizadas a partir do trabalho compartilhado entre humanos e não humanos.

O agricultor tem que criar um jumentinho. É um menino de mandado que a gente tem na propriedade: pegar uma carga de vara, pega o jegue; uma carga de milho na roça, pega o jegue; tudo é pega o jeguinho. (...) Jumento ajuda na minha luta quando tiver velho e não puder trabalhar mais é só encostar, deixar na roça (Arthur, 2015).

Quando você tem uma boiada mansa sabe que ela lhe ajudou muito no trabalho; você vende quando vai ficando mais velho; vende meio desgostoso; vende sabendo que é um troço doméstico (domesticado), a boiada mansa; *você tem ela quase como um filho trabalhador em casa*; a gente vende, mais sente falta; todo ano no inverno eu sinto falta porque quando pegava o ano eu não tinha história de alugar trator da prefeitura ou de canto nenhum para cortar terra - com minha boiada para cortar, para que eu quero trator? E hoje, pronto, eu sinto essa falta! (Arthur, 2015).

Portanto, como foi exemplificado, de modo mais preciso, através da descrição de seu Arthur, o trabalho aproxima e cria vínculos de respeito e amizade, semelhantemente a “*um filho trabalhador humano*”, nestes termos é perceptível a diluição da fronteira humanidade e animalidade e a inclusão destes animais não humanos no grupo doméstico como membros integrantes.

A boiada mansa que se refere seu Arthur são os bois preparados para cultivar a terra, “*animais ensinados*” (categoria êmica) a manipular o arado para cortar a terra. Demarquemos aqui a coexistência de duas categorias de boi. A primeira delas é seu uso para reprodução, com tal finalidade não compete um comportamento manso, bastando apenas ser possível manejá-los sem que isso implique em risco de vida aos criadores. Enquanto a segunda categoria é fundamental um corpo manipulável e temperamento dócil, atributos fundamentais e adquiridos a partir da domesticação dos movimentos dos corpos de agricultores numa sintonia rítmica de seus movimentos aos do boi. Por esta razão, a confiança entre ambos é imprescindível.

Já os vaqueiros que conheci, um na área rural de Remígio e outro em Piancó demonstravam uma intimidade mais intensa com os cavalos. Com eles juntava-se a boiada, pegava-se boi bravo, ia-se a cidade, juntavam-se amigos e organizavam-se espaço de sociabilidade como vaquejadas. Segundo eles com a aquisição de motos já não se tinha proveito financeiro criar cavalos. O custo alimentício era muito alto, e se antes, o cavalo era único recurso de transporte para transitar entre o campo e a cidade e a ferramenta para capturar bois bravos e fugidos, atualmente, havia outros meios mais eficientes e de menor custo, como por exemplo, a moto. Assim, manter nas propriedades um cavalo nem sempre pode ser explicado por aspectos utilitários ou rendáveis financeiramente, como é o caso de seu Gildo (figura 11) que construiu uma pista de vaquejada em suas terras, criando um espaço de sociabilidade para se divertir com os amigos, reunindo-se para correrem em uma disputa não oficial.

Figura 11 – Seu Gildo simulando corrida de vaquejada



Foto: Joelma Batista

Eu estava hospedada na casa de uma amiga de seu Gildo. Numa tarde conheci-o, fui apresentada como alguém que queria conversar sobre os animais, ficaria alguns dias por lá, era universitária e estava fazendo um trabalho. Seu Gildo concluiu que eu era bióloga ou veterinária, nunca havia ouvido falar em antropologia e que esta ciência engloba os animais. Ficamos a conversar por alguns minutos, convidou-me para no dia seguinte ir às suas terras, lá ficavam seus cavalos e gado. No dia seguinte, às quinze horas escutei a buzina, era seu Gildo na moto com sua neta, subi e seguimos nosso destino. Passamos algumas porteiras e lá chegamos. Seu Gildo separa dois cavalos, coloca a sela e os adereços para montagem num deles, ajuda sua neta a subir, algo que ela faz com frequência. No outro, ele me diz para montar, digo que nunca vivi essa experiência. Pergunto se o cavalo não me estranharia e poderia me lançar ao chão, ele confessa que é possível na montaria, mas não é o caso, poderia confiar. Pensei comigo - preciso retribuir a gentileza de seu Gildo, se cair, espero que não machuque muito. Cavalgamos com o auxílio dele até a pista de vaquejada (figura 11). Quando desci, mais uma surpresa, ele organizou tudo, me levou a uma posição na pista e me disse – fique aí, vou soltar o boi, você tira a foto. Não retruquei, mas fiquei em pânico quando

vi por duas vezes o boi passar ao meu lado. Faltava apenas uma última corrida, eu que havia presenciado uma cena de rivalidade entre seu Gildo e o boi, supus – ele é muito bravo, vai me dar uma chifrada – antes que a porteira fosse aberta corri e pulei em cima da cerca. Ele começou a rir e perguntou – “por que você saiu?” e eu respondi – “fiquei com medo, esse boi é muito bravo”.

3.2.3 Entre a estimação e a criação

A partir desse momento gostaria de evidenciar que o aspecto consumo é insuficiente para definir o estatuto dos animais. Ele é fluído e atravessa várias instâncias que vão sendo delineadas ao longo da vida dos animais não humanos e sua interação com seus humanos.

Começemos pela idade, um aspecto que aparece como critério de seleção. Quando filhotes e principalmente “enjeitados” (rejeitados pela mãe e precisam do auxílio dos seus donos para serem alimentados até serem capazes de alimentarem-se sozinhos), tratados como crianças, alimentados com auxílio de mamadeira, separados dos demais para não incorrer em risco de serem machucados ou mortos pelos adultos, tendo em vista sua fragilidade em comparação a estes. A narrativa de dona Marieta exemplifica este caso:

Quando a gente era pequeno criava aqueles borrego enjeitado; criava como se fosse outra criança de casa; criava bem estimado. Mãe criava muito borrego enjeitado; sempre ela criava, mas não matava o borrego enjeitado; ela vendia; ela dizia que não tinha coragem; nunca matou, um borrego, uma novilha, uma coisa que ela criava enjeitado; ... ela criou um carneiro, Jasmim, a gente chamava; depois dele grande, ele começou a dar [em] qualquer pessoa, a única pessoa que ele não partia, era para ela; ele só abraçava ela e se enrascou com nós que era pequeno; aí, pai ainda era vivo; vendeu; mais ela chorou esse dia; ele chegou; ela disse - pode vender que ele vai matar os meninos, pode vender (Marieta, 2015).

Por outro lado, a juventude se destaca pela fase de maior produtividade, consequentemente, maior valor comercial. As fêmeas são as preferidas no primeiro quesito, enquanto os machos no segundo. A velhice é vista como uma fase em é preciso vendê-lo para não perder investimento, ao contrário dos outros, será direcionado exclusivamente para a produção de carne. Todavia a comercialização emerge em relações técnicas, morais e afetivas

o que pode incorrer na negativa em vender animais específicos, ora por manter um vínculo de gratidão – a figura de trabalhador e de gerador de recursos materiais para manutenção do grupo doméstico -, ora por ter sido o primeiro animal da família e através dele ter derivado o rebanho, tornando-os “animais doméstico”, por isso não o venderiam, considerando “imoral” enviá-lo ao matadouro. Essa categoria doméstico demarca uma extensão e fragmentação das relações se pensadas a partir de algo pré-determinado, ou seja, ao invés de partirmos de um modelo para enquadrar os tipos legítimos de interação, vemos exatamente o inverso, configurações e interações específicas como meios formuladores de tais representações e trato. Portanto, este reposicionamento ao contrário do que Digard (2006) argumenta em torno do sistema domesticatório ocidental não necessariamente está ligado à concessão de comer ou não, mas tem implicações no campo emotivo e nas representações em torno destes animais e dos modos de interagir com os humanos.

Com os animais de estimação também é possível encontrarmos situações de alternância no estatuto entre cães e gatos. O esposo de dona Marieta, seu Arthur, contou-me sobre a vida de João Murão (gato da família), considerado um animal de muita astúcia e inteligência. Seu neto gostava de conversar com ele e pedir para colocar sobre uma de suas mãos, a pata a partir de seu comando vocálico, era algo que toda família admirava, a capacidade de compreensão e interação do João: “Era muito sabido, onde tivesse [quando era pronunciado seu nome], ele vinha”.

Mas o gato cultivava um hábito mal visto pela família, gostava de abrir a geladeira em busca de carne e quando algum pedaço ficava a deriva sobre a mesa ele a devorava. A família suspeitava que este era o motivo porque o gato havia sido despejado naquele localidade, pois quando apareceu já era um animal adulto. Numa tentativa de reeducá-lo, um ano ficaram com ele, mas mediante aos furtos do felino decidiram levá-lo para outro espaço. Somente obtiveram êxito quando o soltaram a muitos quilômetros de distância. Nas três primeiras tentativas nas áreas rurais próximas da cidade de Piancó bastaram alguns dias para que João Murão retornasse à casa. Um dia, seu Arthur viajando ao Recife, trouxe o gato e deixou-o na cidade de Soledade, a uma distância aproximada de duzentos e sete quilômetros. Ele não mais voltou.

Outra circunstância que impulsiona esse tipo de prática é a falta de controle na reprodução dos felinos que excede aos números de crias por família, uma das soluções é conduzir os animais a outras espaços. Seleciona-se os machos e mais jovens desfazendo-se dos idosos e fêmeas. A escolha se dar por uma questão reprodutiva e pelas maiores chances de sobrevivência dos que tem mais idade. Um dia presenciei uma conversa entre um casal. No quintal da casa havia espalhado uns cinco a sete gatos, discutiam sobre a quantidade destes pequeninos na casa; O homem ameaçava levar os animais; A mulher retrucava – *“deixe meus bichinhos, que eu não tenho coragem”*.

Já com os cachorros nunca ouvi falar de se ter dificuldade em encontrar pessoas que queiram adotar algum filhote, em partes devido a sua utilidade como animal de guarda. Contudo, quando passa a ser um predador dos animais de criação seu estatuto é invertido.

Conheci famílias que obrigatoriamente sacrificaram os cachorros devido o comportamento de sangrarem ovelhas. Segundo eles, quando isto acontece não há outra solução, cria-se um vício em ingerir sangue de outros animais de pequeno porte. Dona Antonieta residente do assentamento Doroty em Remígio perdeu trinta de suas ovelhas por sangria de cachorros, inclusive por um de seus vira-lata. Os casos iniciaram com constâncias na região de ovelhas mortas diariamente e em grande número, aos poucos, os moradores começaram a investigar, descobriram seus vetores. Os moradores entraram em acordo para criar os cachorros amarrados, mas alguns se soltavam no período noturno e quando pegos em sua prática o dono era notificado e pressionado para matá-lo. Esta foi a contingência de Dona Antonieta ao presenciar seu cão com a boca ensanguentada, imediatamente sacrificou-o. Disse-me que tinha o maior afeto a ele, mas que não poderia deixa-lo vivo, pois outras ovelhas seriam mortas.

3.2.4. Atribuições de sentimentos, consciência, intelecto, intencionalidade.....

As vacas se acostuma com você; você tá na roça chama os nome dela, ela olha para você, se habitua; o bicho tem raciocínio também, se habitua com você; ... Tem bicho que é bom de se amansar, adomesticar, mas têm outros que dar trabalho; tem vacas, tem delas que é mansa, mas tem delas que você bota no murão todo dia e dando trabalho para você tirar leite; ... do jeito que tem gente ruim tem bicho (Arthur, 2015)

A epígrafe ilustra algumas atribuições dos agricultores em torno de seus animais. Podemos começar pela distinção entre estes e os humanos a partir da classificação “bicho”, mas ao mesmo tempo mantém uma proximidade - “o bicho tem raciocínio também, se habitua com você”. Em seguida os animais aparecem como seres que possuem personalidades distintas, uns são mais mansos e com isso são mais fáceis de interagir, outros têm um gênio “ruim” como gente e dão “trabalho”. Os “bichinhos” ou “bicho bruto” era uma expressão muito comum para falar dos animais de criação e para justificar as diferenças entre eles e os humanos. Essas questões podem ser ilustradas melhor com uma situação que presenciei quando estava em campo no sítio Pilões/Piancó.

Dona Sara cuidava de seus afazeres na cozinha; chega o marido; bravo, procura alguns objetos; uma de suas vacas ultrapassou novamente a cerca de arame e entrou na propriedade do vizinho. Tal ocorrido o deixa chateado; planeja sua vingança: instalar uma cerca elétrica. Na próxima vez ela sofrerá uma descarga elétrica - “*quero ver se ela não aprende*”. Já sua esposa interpretava o ocorrido de outro modo, dizia-me - “*eu já falei com ele, os bichos brutos não tem o mesmo entendimento que o nosso, mas ele teima. Eu brigo é muito por causa disso*”.

Isto posto, percebemos que as representações do casal em torno da ação da vaca transcorre em disposições individualizadoras, posicionamentos adquiridos pelas experiências e convivência, convergindo em percepções em gradação diferenciada dos atributos concebidos. No caso exemplificado, seu Arnaldo ordenhava as vacas diariamente, percebendo-as com um grau maior de intencionalidade, enquanto sua esposa que apesar de conviver com elas, mas sem manter uma interação mais direta através dos processos domesticatórios, a vaca não ultrapassou a cerca para afrontar seu Arnaldo, pois ela não dispõe da mesma consciência que os humanos.

Ainda para pensarmos a percepção, tomando como fundamento as experiências pessoais, continuemos com seu Arnaldo e seu modo de inter-relacionar-se com sua criação, ocasionalmente com boi manso, com quem *trabalhava* no período de inverno arando as terras dos vizinhos. Num desses dias quando estava próximo de concluir seu trabalho, o boi parou e deitou-se. Esta ação, segundo ele, demarca o momento de cessar as atividades por alguns instantes, para que ambos descansem. Neste dia seu Arnaldo decidiu continuar; Deu fortes palmadas no boi imaginando que ele levantaria e retornaria ao trabalho; Inútil era sua tentativa até que o boi reagiu violentamente; Levantou-se; rasgou o arame de uma cerca, e com ele, atingiu-o; Foi socorrido e levado ao hospital, mas não pode retirar de seu tórax o objeto, implicaria em maiores riscos; Ao retornar para casa decidiram que o boi não era mais confiável, era tempo de comercializá-lo. Seu Arnaldo disse-me não sentir raiva do boi sabia que ele estava cansado e que quando um animal de seu porte se nega a fazer algo não tem homem no mundo que o possa obrigar. Deste modo, seu Arnaldo atribuía às ações, tanto de suas vacas leiteiras, quanto de seu boi, intencionalidade através de suas reações.

Assim, as ações emergem por intermédio do contato e comunicação dos corpos, alicerçados no convívio. Seriam estas conformações que permitiriam a elaboração dos conceitos acerca dos animais humanos e não humanos, podendo adquirir em contextos típicos, conotações positivas ou negativas. Seu Miguel também alterou seu comportamento ao presenciar uma cena da porca comendo os pintinhos. Sentiu o “sangue quente”; pegou uma pedra e atirou-a sobre a cabeça do animal matando-a; arrependeu-se; sua ação foi motivada por um instante de fúria. A porca estava alimentada, por essa razão não poderia estar com fome, em seu entendimento, única motivação que poderia ser relevada, por uma questão de instinto de sobrevivência. Mas este não era o caso, ela comeu os pintinhos intencionalmente e não para saciar sua fome. A esposa dele, semelhantemente, a mulher de seu Arnaldo, considerava exagero a conduta do marido por não considerar que a porca era apenas um animal.

Vemos, portanto, que a intenção para seu Arnaldo e seu Miguel está associada às conotações e moralidades humanas. Enquanto para suas esposas, os animais, apesar de serem providos de intencionalidade, não devem ser vistos em equiparação aos humanos, pois encontram-se em graus distintos. Portanto, a intenção está vinculada aos graus de

racionalidade, sendo bastante comum associar a esta característica às capacidades de reconhecer, distinguir os seus donos dos demais humanos e se relacionar com eles.

Numa das vezes que visitei dona Antonieta no assentamento Doroty, em Remígio fui a seu convite alimentar os animais. De longe as ovelhas começaram a berrar e quando entramos no curral das vacas, dispersas entre a vegetação, rapidinho, ao som dela surgiram aos nossos olhos; devido a minha presença ficaram um pouco recuadas, ainda que seguissem sempre em nossa direção, com os olhares fixos em mim. Eu não tinha medo, tinha a impressão de eles tinham uma afeição tão grande por dona Antonieta que apenas estavam me vigiando como um ato de proteção; e eu fiquei encantada com o que vivenciava. Essa minha representação era algo compartilhado por dona Antonieta. Ela acredita que seus animais cultivavam o sentimento de amor por ela.

A capacidade de amar era uma característica muito admirada pelos agricultores, um elemento essencial para sua profissão, mas ao mesmo tempo, algo que pode interferir nas relações de comercialização. Seu Zeca (sítio Camará, Remígio) há alguns anos atrás mantinha um criatório de galinhas, possuía um galo que ganhou sua afeição, pois “era muito amoroso” com os filhotes das galinhas. Seu comportamento era semelhante a um “pai de família”. Nunca chegou a ser vendido – e não seria - morreu num incidente com outro galo. Seu Zeca disse-me que jamais o venderia por causa do amor que ele tinha aos filhotes. Me atrevo a fazer uma analogia entre seu Zeca e o galo. O comportamento deste animal não humano é reflexo do comportamento de seu Zeca com seus filhos. Seu Zeca é um homem que demonstra muito afeto, e talvez, esta seja a razão pela qual ele se afeioou tanto ao galo, já que carinho e o cuidado eram preciosos aos olhos dele, atitudes dignas de um pai de família. A afeição é pensada não apenas pela capacidade de se relacionar com os humanos, mas entre os próprios animais. Há aqueles que se “quer mais bem” e que se constrói um vínculo diferente e quando são comercializados fica o sentimento de perda e saudades. Como é o caso de seu Noel com sua vaca Baiana, quando entrava no curral era acariciado por ela “e a vaca era a que eu mais queria bem, todo dia quando entrava no curral, ela lambia minhas costas, lambia meu ombro...”. Ele recorda com tristeza ter se desfeito dela porque não tinha condições financeiras de comprar alimentação, disse-me que quando olhava para o curral tinha a mesma sensação de ter perdido um filho.

Por outro lado, também é atribuído aos animais temperamentos “arredios”, “bravos” ou providos de um sentimento de antipatia por alguém, como podemos perceber com a narrativa de dona Marieta.

Tem uma vaca, ela chamava Ouro Preto; era uma reima de vaca, umas pontas grandes assim; essa vaca, eu não podia chegar perto da porteira do curral; quando eu falava, ela riscava; ela era inrechada comigo; e eu nunca fiz nada com ela; aí, quando foi um dia A. deixou para eu botar resíduo; quando elas vinham; soltaram embaixo; aí, elas vinham; eu vi; corri; fui botar as vasilhas lá fora; quando ela me viu; a casa era de taipa e os cachis de madeira, o cachi da porta da cozinha tinha a quina bem fininha; quando ela olhou para mim que balançou; eu corri e entrei; mas, ela deu uma pancada tão grande; assim no cachi, que a parede balançou; ela voltou rodando a cabeça; aí, eu sei que, uns dois dias depois, ela apresentou uma febre; eu não sei, se foi dessa pancada; não sei o que foi; sei que ela morreu; quando ela tava escornada na roça, eu fui dar água a ela; tinha que pegar assim nas pontas; ela não deixou eu encostar; e ela era bem mansinha com os outros, mas ela nunca gostou de mim; e eu tenho a impressão, ainda hoje, que ela morreu dessa pancada; A parede chega balançou assim; ela era bem mansinha com os outros; mas ela não gostava de mim; pena que ela tava bem amojadinha; quando ela morreu, o bezerro já saiu morto; eu nunca me esqueci dessa cena; ... que assim do jeito que, às vezes, tem pessoas que não se une, nunca fez mal a você, mas não bate bem, com os animais, parece ser a mesma coisa.

Este tipo de aversão, mediado pelo comportamento do animal, na leitura dos agricultores, é algo que os aproximava das relações humanas, pois, se apresentava de forma semelhante. Em minhas viagens em campo eu tinha a sensação de ser alguém “estranho” para os animais, seus olhares eram intensos e fixos. Ganhei a afeição de dois cachorros – Menino (Sítio Macaquinhos) e Pelado (Sítio Junco) – a antipatia de uma cabra (sítio Pilões) e a carícia de uma novilha (bezerra de vaca/sítio Pilões).

Eu estava fotografando as vacas da família de Pepita convidei a todos para prestigiar este momento em que os animais estavam sendo alimentados. Por alguns instantes, acabei me ajoelhando e Menino se aproximou, fazendo graça. Rimos todos e, quando menos percebi, o cachorro estava no meu colo, aproveitei para abraçá-lo apertado. A família disse-me estar impressionada, pois, ele nunca havia feito isso com ninguém de “fora”.

Com Pelado foi um pouco diferente. Era um cachorro que, apesar de ser também vira lata, tinha um maior porte e muita força, porém bastante meigo. Eu fiquei quase uma semana na casa desse casal. Quando chegava à noite tínhamos o hábito de colocar algumas cadeiras no quintal e passarmos algumas horas conversado, eram vários assuntos, entre eles: a minha mãe, pois, eles a conheciam a muitos anos, contaram-me sobre alguns acontecimentos do passado; contaram-me também sobre o tempo deles de juventude, quando se conhecerem, se apaixonaram, casaram e como foi a criação dos filhos.

Adorava estes momentos, pois, compartilhava também minha vida, as angústias, as alegrias, e eles me aconselhavam a partir de suas experiências. E nestas ocasiões, Pelado, que ficava sempre ao nosso lado, começou a pular e deitar-se em meu colo. Era extremamente carinhoso, mas devido a sua força, às vezes, assustava lançar-me para fora da cadeira, mas, eu curtia bastante a “simpatia” dele por mim, chegou ao ponto de eu conseguir amarrá-lo, coisa que só seu dono fazia. Ele precisava ser contido, pois, estava viciado em correr atrás das motos que passavam pela estrada na frente da casa da família. Temendo pela vida dele, passou a ser acorrentado em determinados momentos do dia e noite.

Conheci a cabra quando acompanhava seu Arnaldo no manejo das suas vacas ao espaço de pasto, bem próximo ao local que morava outro criador. Fomos logo convidados para entrar no curral, onde havia cabras e vacas de várias idades, filhotes e adultos, todos juntos, porque era o momento da ordenha. Os animais ficaram a vontade com seu Arnaldo, mas comigo não. Percebi que uma cabra não parava de me observar, a direção que eu seguia, ela ia, chegou a se posicionar como se fosse me dar uma chifrada, mas eu me aproximei do dono dela, e ela se acalmou. Ele pegava nos seus chifres e a segurava, pois, ela não queria amamentar suas crias e esta foi a alternativa encontrada pelo criador para obrigá-la a amamentar. Com ele, seu comportamento era amigável.

Já com a bezerra de seu Arnaldo também no período da ordenha, fiquei a observá-los e fui surpreendida, com algumas lambidas nas mãos e braço. Esse tipo de ação é pensada pelos agricultores como vimos com a fala de seu Noel como uma maneira do animal demonstrar afeto.

As histórias e experiências narradas sugerem as complexidades que circunscrevem e delineiam a relação entre animais humanos e não humanos. Ainda que o afeto seja um componente fundamental na apreensão dessas relações e interações, ele não é um elemento acessório; atua de maneira efetiva na distribuição do poder e produz e se entranha nas hierarquias. Além disso, a possibilidade de conversão do seu uso, companhia ou necessidade de afastamento são constitutivos dessas interações e hierarquias, compondo arranjos complexos nos quais utilidade e afeição se misturam através de um rico arsenal de técnicas e procedimentos que avaliam e configuram as relações, processos de diferenciação e expectativas a respeito da companhia e presença do outro. Galinhas, cabras, gatos, cachorros, porcos informam pouco sobre o significado que humanos estabelecem com outros animais.

Se por um lado é possível afirmar que a dinâmica do trato entre espécies é uma realidade do cotidiano rural, por outro é preciso reconhecer também o modo como relações distintivas são produzidas, destacando alguns agentes em particular do conjunto da espécie. Assim, seres como Menino, Baiana, Fumo Preto se constituem como diferenciados de cachorros e vacas pelo regime de afeto que organiza a relação dos seus criadores e que se efetua também na organização produtiva e afetiva do grupo doméstico. Se o trabalho é uma dimensão importante da vida no campo, de modo que a dedicação à roça e a criação ocupam uma parte significativa do tempo das pessoas nas regiões que etnografei, por outro lado, as relações de carinho, atenção, entendimento e companhia que diferentes seres estabelecem em movimento conjunto elementos constituintes e fundamentais dos contextos relacionais em que elas estão inseridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo deste trabalho a convivência entre agricultores e agricultoras e os animais não humanos no interior da Paraíba, bem como as atividades que desta convivência derivam, definem-se através da configuração de relações e interações hierárquicas entre espécimes. Tal característica ajuda a pensar que não se pode construir um modelo para definir o “humano” e o “animal” como categorias genéricas polarizadas e oposicionais de maneira apriorística, pois as representações e as ações se definem a partir de processos experienciais específicos e contextuais, possibilitando uma variedade de percepções e relações entre todos os sujeitos em interação. Dessa forma, instauram-se vínculos individuais, os quais, viabilizam um maior contato, a identificação dos sujeitos (humanos e não humanos) a partir de suas personalidades, alternâncias de comportamentos, entonações vocais, bem como percepções olfativas e táteis. Essas interações integram os processos sociotécnicos que aperfeiçoam ferramentas e gestos para efetivar a lida e o convívio entre os distintos sujeitos, além de permitir a execução de atividades cotidianas fundamentais para a reprodução da vida doméstica dos agricultores, assim como dos animais não humanos que por estes são profundamente condicionados. Neste processo domesticatório que são disciplinados os corpos humanos e não humanos, uma experiência caracterizada pelas alternâncias de movimentos e comportamentos a partir dos quais a experiência é significada e interpretada.

Outra característica fundamental, também atrelada à relação em questão é o aspecto emocional. O “apego” vincula e condiciona todos os sujeitos em interação, um sentimento que possibilitaria uma relação amigável no manejo, contribuindo para o reconhecimento da presença do dono, enquanto ele interpreta os movimentos dos corpos e os sons emitidos pelos animais não humanos para instaurar uma dimensão comunicativa individualizada. Neste proceder, como vimos, o manejo leva, em certas circunstâncias e para com certos sujeitos não humanos, a construir uma forte proximidade física e emocional, enquanto que em outras situações torna-se necessário construir as condições de desapego, se enveredando para definir

estratégias de distanciamento. Essas atitudes de aproximação e distanciamento dependem também dos comportamentos apresentados pelos animais não humanos.

A agressividade manifestada por estes, a ponto impossibilitar o domínio sobre seu temperamento e ação, motivaria a venda, pois o criador já não sente segurança em manusear ou lidar com eles, instaurando uma dimensão de risco para toda família ou até mesmo os vizinhos. Enquanto a mansidão garante aproximação, trocas de carícias e afagos, e, consequentemente, um maior envolvimento afetivo. Assim, a afetividade está relacionada a uma dimensão valorativa e o temperamento dos animais não humanos é um fator determinante. Há ainda que se considerar que o valor principal que motiva a criação de animais não humanos no mundo rural é gerar rendimentos financeiros para atender às necessidades materiais do grupo doméstico, estes podendo ainda funcionar como uma “caderneta de poupança” ou, então, serem utilizados para próprio consumo. Portanto, afeto e uso não aparecem como elementos contraditórios, mas complementares.

Nesta perspectiva, abater ou comercializar não apresentam-se como elementos estruturais que inibem os sentimentos. Seria, então, a manutenção do grupo doméstico o componente hierárquico que ocuparia a primeira posição nessa escala valorativa emocional-afetiva. Assim, matar não é considerado um ato de violência ou crueldade. Mas aqueles que se tem mais afeto ao comercializar ou abater adota-se algumas medidas para desprender-se desse sentimento que os liga, chega a ser um luto compartilhado, pois acredita-se que o animal não humano, igualmente, sente tristeza com a separação.

A manutenção desse aspecto emocional transparece quando criadores consideram ser diferente matar aos seus animais, com relação aos dos outras pessoas com os quais não se teve contato. Atitudes que alguns adotam, não apenas por si, mas pelos próprios animais não humanos, pois em suas concepções, o sentimento de amizade que lhe é devotado por eles retardaria sua morte. A própria comercialização a outros agricultores conhecidos seria uma maneira de saber que o amigo que se foi está bem. O afastamento psíquico - que pode vir a ser associado a menor interatividade no manejo – aparece também como alternativa para não sofrer e manter-se nesta profissão. Assim, o consumo não seria o critério que definiria o estatuto do animal numa esfera de objetivação de uso e propriedade sem qualquer tipo de

familiaridade. Deste modo, a domesticação seria explicada pelo plano configuracional e os movimentos que dele deriva (humanos e não humanos), não cabendo definir o animal a partir de uma categoria genérica ou de sua espécie.

Finalizando, queria aqui destacar que o trabalho teve como principal objetivo mostrar a diversidade de posições, ações e pessoalidades na formação do processo domesticatório. Neste intuito, aqui, dei particular atenção à dimensão emocional, procurando entender como esta condiciona a prática e as representações sociais dos agricultores e agricultoras da Paraíba entorno dos animais não humanos, bem como dos comportamentos manifestados por estes últimos. Sem dúvida a descrição etnográfica e a análise dos dados me levaram nesta ocasião a focar mais a atenção sobre os próprios humanos perante aos animais não humanos, apresentando poucos detalhes para o leitor sobre como estes últimos interagem com os primeiros, e ainda menos sobre como se relacionam entre si, sempre dentro do processo domesticatório. É justamente sobre estes últimos aspectos que pretendo futuramente me debruçar fazendo ulteriores aprofundamentos etnográficos e analíticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Fredrik.. “Por um maior naturalismo na conceptualização das sociedades”. In BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Organização de Tomke Lask. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, (2000[1992]). pp.167-186.

DESCOLA, Philippe. “Genealogia de objetos e antropologia da objetivação”. Horizontes Antropológicos, ano 8, n. 18. Porto Alegre, 2002. pp. 93-112.

_____. “Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia”. In: Mana, n. 4. Rio de Janeiro: 1998.

DETURCHE, Jeremy. “As vacas da discórdia: gestão e raça do rebanho entre os criadores de vacas montbéliardesl na Haute-Savoie, França”. Tradução: Fabiana Maizza. In: Ilha – revista de antropologia, v. 14, n. 2. Florianopolis, 2012. p. 139-169.

DIGARD, Jean-Pierre. “Pourquoi mange-t-on certains animaux et pas d’Autres? réflexions sur le statut relatif des animaux domestiques”.”. Les Cahiers de l’Ocha N°12, Paris, 2006.

ELIAS, Norbert. “Modelos de jogo”. In: _____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: edições 70 / LDA, (2008[1970]).

ERIKSON, Phillippe. “De l’Apprivoisement à l’Approvisionnement: Chasse, Alliance et Familiarisation en Amazonie Amérindienne”. Techniques et Cultures, 9, .1987, pp 105-140.

FOUCAULT, Michel. “‘Omnes et singulatim’: vers une critique de la raison politique”. In: Dits et Écrits. 1954-1988. Vol. IV. 1994d. Paris, Gallimard, 1990.

HAUDRICOURT, André-Georges. “Domestication des animaux, culture des plantes et traitement d’autrui”. In: L’Homme, tome 2 n°1.Paris: 1962. pp. 40-50.

HUGH-JONES, Stephen. “Clear Descent or Ambiguous Houses? A Re-Examination of Tukanoan Social Organisation”. In: L’Homme, 33 n°126-128. La remontée de l’Amazone, 1993, pp. 95-120.

INGOLD, Tim. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. Horizontes antropológicos, ano 18, n. 37. Porto Alegre, 2012. pp. 25-44.

_____. **Making, growing, learning:** two lectures presented at UFMG. In: Educação em Revista, v.29, n.3. Belo Horizonte: 2011a. 301-323.

_____. **Being Alive** - essays on movement, knowledge and description. Londres/ NovaYork: Routledge, 2011b.

_____. **The Perception of the Environment**- essays on livelihood, dwelling and skill. Lonres/Nova York: Routledge, 2000.

_____. “Humanidade e Animalidade” In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 28, São Paulo: 1995.

_____. “Introduction”. In INGOLD, Tim (Org.). **What is an Animal?** Londres/Nova York: Routledge, 1994. pp. 1-16.

LEROI-GOURHAN, André. “Técnica e linguagem”, In: _____. **O gesto e a palavra**. Tradução de Vitor Gonçalves. Lisboa: Edições 70, Lda.

MOREIRA, Crispim. **Vida e luta camponesa no território: casos onde o campesinato vive, marcha e transforma o território capitalista**. Belo Horizonte. Tese (doutorado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

MOREIRA, Emília; TAGINO, Ivan. “De território de exploração a território de Esperança: Organização Agrária e Resistência Camponesa no Semiárido paraibano”. Revista NERA, v. 10, nº 10, 2007.

MURA, Fabio. “De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de Antropologia da técnica e da tecnologia”. Horizontes antropológicos, ano 17, n. 36. Porto Alegre: 2011. pp. 95-125.

NASCIMENTO, Joelma Batista. **Fundos Rotativos Solidários, Ovelhas, Cabras e galinhas**. Trabalho de conclusão de curso. João Pessoa: Departamento ciências sociais – UFPB, 2013

PARAÍBA. **Resumo executivo - plano territorial de desenvolvimento rural sustentável** – PTDRS. Território da Borborema. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba: 2010a.

PARAÍBA. **Resumo Executivo (2010- 2020)** - Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável – PTDRS. Território da Zona da Mata Norte – PB. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 2010b.

PORCHER, Joselyne e SCHMITT, Tiphaine. “Les vaches collaborent-elles au travail? Une question de sociologie”. In Revue de Mauss. v.1, n. 35. Paris: 2010. pp. 235-261.

PORCHER, Joselyne.. **Éleveurs et animaux**: réinventer le lien. Paris: Universitaires de France, 2002.

_____. “La relation de communication entre l’éleveur et ses animaux: un domaine encore à explorer. Le Courrier l’environnement, n° 32. Paris: 1997

ROSALDO, Renato. **Cultura y verdad**: la reconstrucción del análisis social. Quito: Abya-Yala, 2000.

SCHWARTZ, Theodor. “The size and shape of a culture”. In F. Barth (ed.), **Scale and social organization**. Oslo / Bergen: Universitat für Laget. 1978.

SIGAUT, François. “Critique de la notion de domestication”. In L'Homme, tome 28 n°108. Les Animaux : domestication et représentation. Paris, 1988. pp. 59-71.

WILK, Richard R.. **Household ecology** - Economic change and domestic life among the Kekchi Maya in Belize. Carolina do Norte: Northern Illinois University Press, 1997.

WOLF, Eric. “Encarando o poder: velhos insights, novas questões”. FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins. **Antropologia e poder** – contribuições de Eric Wolf. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Unicamp, 2003.